

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor.

Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão de Texto: Daiana S. Araujo
Capa: Daiana S. Araujo

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

Contos de Serith

Canções de guerra

2020

Daiana S. Araujo

Muitas histórias são contadas a partir de fatos ou mesmo baseadas em fatos. Eu estou aqui para contar a história de Serith; mas, como toda boa história, esta precisa de um título adequado para dar ao leitor a chance de imaginar o que estará por vir, não?

Porém, não é uma história comum, meu caro leitor.

Deixarei que descubra por si mesmo, afinal, manchar as primeiras páginas do livro de sangue não me tornaria uma boa narradora, então aproveite até a carnificina começar.

Agradecimentos

Essa parte já foi escrita e reescrita diversas vezes, afinal, o livro demorou mais tempo do que eu desejava para ser finalizado, mas uma coisa permanece: agradeço ao tatu que sempre me apoiou nessa jornada e me instigou a continuar e ter diversas ideias malucas, Bruno. Acredito que você foi a pessoa que mais contribuiu para o término deste livro.

Prólogo

Muitas histórias são contadas a partir de fatos, ou mesmo baseadas em algum ponto da realidade que deve ter-se perdido no tempo. Eu estou aqui para contar a história de Serith que, como toda boa história, precisa de um título adequado para dar-lhe a chance de imaginar o que estará por vir, não? Porém, esta não é uma história comum, meu caro leitor.

Deixarei que descubra por si mesmo, afinal, manchar as primeiras páginas do livro de sangue não me tornará uma boa narradora, então aproveite.

Até a carnificina começar.

Se não me falha a memória, tudo começou no meio de um inverno apelidado carinhosamente de rigoroso, mas que, na realidade, era um *inferno* pintando tudo de branco.

Vamos, imagine: uma terra cheia de montanhas sombrias, projetando suas titânicas sombras em uma cidade tão grande quanto elas; cheia de casinhas não muito modestas de até três andares nas extremidades, como enfeites de algum bolo requintado. À medida que vamos avançando para o centro, as casinhas (não tão) humildes se transformam em grandes, enormes e gigantescas mansões. Isto é o que podemos chamar de burguesia de Lyenis, a capital do território vampírico. Uma terra onde até mesmo os mais humildes têm ouro em abundância.

Enfim, vamos parar um pouco a narrativa para explicar uma coisa: o tempo em Serith não é bem definido como nós o observamos hoje. Uma palavra adequada seria 'espontâneo'. Houve primaveras que duraram anos, outonos que chegaram e vieram com a mesma rapidez com que tomamos banho, verões que não se demoraram muito e invernos que se recusaram a ir embora, mas este... Este estava perdurando por doze anos seguidos, e era de longe o mais rigoroso que os serithenos já haviam enfrentado.

Os lyenos que o digam, coitados, em mais de 3000 anos nunca deixaram de ser os mais prejudicados com aquele frio extremo. Embora a Montanha de Dakar os protegesse um pouco das nevascas, não havia muito o que pudesse ser feito para abrandar a sensação de congelamento com a qual conviviam constantemente.

O comecinho, talvez o ato de maior importância que desencadeou os acontecimentos seguintes, provavelmente tenha sido consumado naquele jantar. Qual? Aquele que o príncipe da nobreza vampírica quis homenagear seu mais recente general, Deniel, por ter ganho mais uma campanha.

Octavio sempre gostou de dar esses jantares, de se exhibir, mostrar para todos os requintes de sua luxuosa mansão. Naquela noite não foi diferente, a mesa de cerejeira escura resplandecia de excêntricas comidas, porque, caso esteja se perguntando, vampiros não bebem apenas sangue. Este é um boato maldoso.

Todo o ambiente ao redor tinha um ar gritante de "sou caro e nem que você trabalhasse a vida inteira e vendesse sua alma poderia encostar seus dedos sujos em mim",

o que oprimia o jovem general de origem relativamente humilde. Sentado em seu lugar, distante de todos, escondido embaixo de uma franja de fios loiros, Deniel parecia mais que deslocado e, acima de tudo: *inapropriado*.

Como ninguém prestava atenção nele ou puxava conversa, ele se pôs a observar as outras três figuras sentadas à mesa. A mais chamativa era uma garotinha de cabelos vermelhos muito curtos e olhos estranhamente escuros, mas não do tipo 'íris negras' e sim todo o globo ocular, que portava-se com muita delicadeza e reserva à mesa. Deniel chutou uns 14 anos, já que nem tinha peitos nos quais se pudesse reparar. Ao lado dela permanecia outra figura curiosa que era impossível distinguir como homem ou mulher. Vestia um capuz negro que cobria até sua boca e nada ficava de fora.

Nosso terceiro personagem trazia consigo dois guardas 3x4 (3m de largura por 4m de altura) que se agigantavam ao seu lado como colunas de mármore. Ambos tinham orelhas fofamente pontudas, características dos elfos, mas a fofura acabava em rostos sérios de quem foi treinado para o combate e nada mais.

No meio deles estava uma figura que irradiava arrogância e pretensão: o Rei élfico, Oberon.

— Acho que já é uma hora adequada para um brinde, não? — Octavio proclamou sorridente do outro lado da mesa.

Os três ocupantes acenaram em concordância.

— E então, Deniel? Como foi a campanha contra as Garras? — Oberon perguntou, por trás de sua taça de cristal draconiano que reluzia com um vinho adocicado.

O general pigarreou e *flashes* do campo de batalha, enfrentado há apenas duas semanas, passaram por sua mente. Ele nem sabia como começar.

— Mais sangrenta do que esperávamos, Majestade. — agora todos o estavam encarando — Tínhamos recebido informações de que alguns lupinos rondavam as extremidades leste e oeste de Lyenis, então decidimos reforçar as fronteiras, dois dias depois um mensageiro nos informou aos gritos que uma divisão inteira deles estava vindo na nossa direção e outra se aproximava do limite leste. Não havia tempo para chamar algum reforço, então os combatemos com uma óbvia desvantagem numérica. — ele fez uma pausa, recordando-se de seus amigos estripados pelas garras afiadas dos lupinos — Foi a primeira vez que vi tantos deles em suas formas bestiais... E lhes garanto que não quero ver de novo.

Oberon soltou uma baixa risada de escárnio.

— Um general da Guarda Real com medo de alguns homens-lobo com garras afiadas? Oras, isso é vergonhoso.

Deniel abriu a boca para defender seu orgulho mas foi a garotinha de cabelos cor de fogo quem falou. Pela primeira vez durante o jantar.

— Majestade, creio que nunca estive na frente de batalha, menos ainda em uma guerra, e é ignorante quanto às habilidades lupinas já que não se recorda que, na forma bestial, eles superam a força vampírica com uma facilidade humilhante. Aliás, se não estou enganada... — o primeiro esboço de emoção surgiu em seu rosto na forma de um sorriso sarcástico — Eles fatiariam seus pequenos elfos com a mesma facilidade de uma folha de pergaminho.

A sala inteira esfriou com a tensão, menos o príncipe Octavio, que sorriu diante das frias palavras da ruivinha.

— Lady Yz’ra, sempre um poço de delicadeza. —suas palavras saíram divertidas.

Oberon tossiu, ruborizado de raiva ou vergonha, vá saber. Endireitou-se na cadeira e ensaiou um sorriso.

— Não é questão de ignorância, Yz’ra... —ele tossiu novamente— Perdão... Lady Yz’ra... Não é que eu seja ignorante, sei das capacidades daquelas bestas, só acredito na superioridade intelectual dos vampiros.

Yz’ra? Deniel pensava, já esquecido novamente. *Esse é o nome daquela...* Ele interrompeu sua linha de raciocínio porque, assim como todos os serithenos, tinha certo receio até de pensar na maga que todos chamavam de *Rainha Negra*, o que eu considero um trocadilho inteligente, considerando que o território ao qual pertencia era chamado de “Lado Negro”, você deve querer saber por que, mas isto é outra história para mais tarde, não podemos deixar esta se perder de seu rumo.

A pequena ruiva ponderou.

— Os vampiros têm cerebros privilegiados. Eles têm garras afiadas.

Octavio riu novamente, observando atentamente aquela pequena discussão.

— Montando estratégias eles podem vencer qualquer um. —Oberon defendeu.

— Não se antes forem partidos ao meio, porque não podemos esquecer da rapidez que os lupinos possuem. —Yz’ra atacou.

— Sabem que até hoje me pergunto o que Ofélia deu àqueles soldados? Pelos deuses, eles parecem demônios! —Octavio digavagava, falando mais pra sua taça de vinho que pros convidados.

— Nas minhas poucas visitas à Redoma, ouvi boatos de que Sah’mira havia simpatizado com a causa de Ofélia. —disse Oberon, enfadado e sentindo-se derrotado pela ruivinha.

Deniel apenas ouvia em silêncio. A figura do seu príncipe ele obviamente conhecia, a de Oberon também, já que não se falava em mais nada a não ser a aliança entre Lyenis e o Vale Verde. Mas a daquela pequena ruiva era desconhecida para ele, e cada palavra a mais que ouvia só confirmava suas receosas suspeitas.

— Sah’mira simpatiza até com uma pedra, se a cor a agradar. —rebateu o príncipe, entediado— Só de lembrar das reformas que ela me fez fazer por achar que minhas terras estavam "degradando a natureza"... Juro pelos deuses, se aquela maga infernal continuasse falando sobre a natureza, eu iria degradar a cara dela!

Deniel não riu, também não tinha muita graça em zombar assim de uma das Três. Explicando de uma forma resumida e menos chata: as Três eram as magas mais poderosas de Serith, tipo, as fodonas mesmo. Havia Reyl’la, a maga material famosa pelo seu controle do tempo e espaço e pelas belíssimas fortalezas impenetráveis que construía. Sah’mira, a maga mais bondosa que cuidava de todos os assuntos que envolviam a natureza (porque era uma maga elemental). E aquela que muitos evitavam mencionar: Yz’ra, a maga negra que vivia em isolamento até este presente momento, ao que parece.

Aliás, digamos que os magos negros não eram bem vistos em Serith, porque, para se tornar um, era necessário um altíssimo nível de trevas dentro de você. A maioria eram

magos materiais ou elementais que caíam em depravação. No entanto, podiam falar qualquer coisa sobre eles só que uma coisa era clara: eram tão temidos quanto poderosos.

Yz'ra era a mais poderosa dentre eles, por isso era a “Rainha”.

— Não é muito desrespeito estarmos falando da sua colega desta forma? — Octavio estava falando com a ruivinha desta vez.

— Todos estão cansados de saber que a coisa para qual menos ligo são os magos da Redoma. —ela ergueu sua taça, mas a figura ao seu lado interveio, balançando a cabeça.

Só agora Deniel tinha reparado na aura sinistra que aquele ser emanava. Uma aura gélida, monótona, que fazia o jovem general relembrar seus piores e mais desesperados momentos. Era como uma farpa de gelo alojando-se em seu coração, suprimindo os bons sentimentos.

— Ah, a Redoma... Só a visitei quando criança, nem me recordo direito. —o príncipe suspirou— Já deve fazer uns... Quatrocentos e poucos anos, acho eu.

A Redoma era o ponto de reuniões importantes de seres mágicos como elfos, dragões, magos etc. Apenas a elite da elite. Não era um lugar muito usado, a última reunião quase resultou em guerra. Hoje, servia apenas de centro de estudos para magos.

— Não está perdendo muito. —a ruivinha disse, com ar enfadado— Me era interessante até as três primeiras horas, depois tornou-se um tédio.

— Lady Yz'ra, ainda continua sua busca incansável por novos conhecimentos? Soube há pouco que tinha visitado nosso amigo escamoso Livigor. —o príncipe sorria maliciosamente.

— Isso não tem serventia alguma para você, Octavio. Estou apenas gerindo uma pesquisa independente sobre os campos mágicos ao redor das minas draconianas.

Oberon ajeitou-se desconfortável em seu assento.

— Ainda me parece muito suspeito travar negócios com uma maga negra.

A mente de Deniel deu um salto. *É ela mesma!* Repetia seu cérebro.

— Geralmente não me envolvo nas suas guerras patéticas, mas quero fazer um novo experimento. Vocês serem beneficiados foi um mero acaso. —ela rebateu.

— Um acaso bem-vindo, não é, Oberon?

O Rei Élfico concordou.

— Mesmo assim, parece que os magos negros podem fazer maravilhas, se você souber o que oferecer em troca...

— Não somos manipulados, Oberon. Nós manipulamos.

A frase saiu mais como uma ameaça do que qualquer outra coisa. *Ela está desafiando o rei dos elfos abertamente! Ela é louca...* Deniel pensava.

Com um movimento quase imperceptível, o ser ao lado de Yz'ra tocou seu ombro e murmurou alguma coisa inaudível que fez a ruiva levantar-se da cadeira silenciosamente.

— Estamos indo.

Foi apenas o que disse antes de um pequeno portal se abrir diante das duas como um espelho embaçado. Em segundos, já não estavam mais lá.

— Espero que tenha aprendido alguma lição aqui hoje, meu caro Deniel. —disse alegremente um Octavio meio bêbado.

— Perdão? — Deniel piscou — Que lição eu deveria aprender?
— Que magos negros não são aliados de ninguém. Nem deles próprios.

Primórdios, as guerras de uma era esquecida

O cheiro de ferrugem impregnava o ar e se espalhava pelo horizonte rubro, um fim de tarde sangrento. Corpos de vampiros pulverizados e humanos despedaçados se empilhavam uns sobre os outros, sangravam sem discriminação de raça ou status. Eram iguais. Ambos estavam mortos. Tantas vidas perdidas... Pelo quê mesmo? Por causa dos doces olhos azuis de uma humana e o quente coração de um morto-vivo.

Por causa do amor.

O Rei Vampiro havia feito uma campanha de sucesso e conseguido exterminar brutalmente boa parte do exército humano, mas isso custou muitos soldados de sua Guarda Escarlata. Como mesmo que seres tão inferiores teriam conseguido matar dezenas da elite? Eles não tinham conhecimento das fraquezas dos vampiros e, ainda assim, vieram preparados com estacas de madeira e correntes de prata.

Quem teria lhes passado este conhecimento? Era o que o rei bradava a todo instante para seu conselho de guerra. Batia na mesa com tanta brutalidade que os cálices trazidos pelas criadas mais cedo despencavam e tilintavam no chão.

— Como foi que isto aconteceu? Me respondam, seus inúteis! O cão comeu suas línguas?!

Um dos conselheiros limpou a garganta e começou a falar, aos gaguejos:

— M-Majestade, acalme-se... Nós ire—

O punho real o interrompeu no meio da frase.

— Me acalmar?! Eu perdi mais de metade da Guarda Escarlata numa tarde, como acha que posso ficar calmo?

Do outro lado da mesa, o conselheiro se levantou de onde seu corpo aterrissara e cobriu a boca ensanguentada para esconder uma mandíbula partida e alguns dentes faltando.

— Majestade?

A voz firme de um soldado soou da porta da tenda e, ao receber a permissão para entrar, arrastou consigo o corpo de um jovem vampiro quase inconsciente.

— Mas o que está acontecendo aqui? O que houve com meu neto?

O soldado, contrariado, começou então a narrar o que havia acontecido: aquele jovem ensanguentado e vestido com farrapos era o motivo para o nervosismo do Rei.

— Ele encontrava-se escondido com uma humana que também capturamos. Foi fácil arrancar os segredos dela, mas tínhamos começado primeiro com ele. —o soldado cuspiu no chão, enojado— Vossa Majestade, este traidor passou para os humanos todos os segredos que conhecia e nossas fraquezas. Por causa dele tantos amigos meus morreram hoje.

Depois daquele dia, a sanidade do Rei abalou-se profundamente, mas isso não o impediu de fazer o que fez dias após o ocorrido.

Enquanto humanos e vampiros se enfrentavam, os lobisomens (aqui chamados de lupinos) se debatiam em suas correntes e uivavam aos vampiros que lhes aparecessem pela frente, se rebelavam contra seus donos e recusavam-se a "aceitar as ordens de uma raça que começava a cair".

Foram anos de escravidão e, naquele momento, eles viam que os vampiros não eram imortais como o resto do Reino pensava. Eles podiam morrer.

Eles iam morrer.

...

Foi bem quando o Rei dos vampiros deu o golpe final e dizimou milhares de paladinos e guerreiros humanos, que os lupinos se libertaram de suas correntes e refugiaram-se na Grande Floresta.

Era uma época de crise, onde a ameaça maior não era uma simples briguinha com o território ao lado, mas sim a segunda raça mais poderosa: os dragões. Soberanos Senhores do ouro e do fogo.

E quem seria a raça mais poderosa? Os magos. Mas, desde sempre, eles foram neutros e nunca se meteram em assuntos que não lhes diziam respeito. Desde que o Rei Dragão não lhes causasse problema algum, eles não interfeririam.

Dito isso, já sabemos que os vampiros, humanos e elfos estavam "sozinhos nesta briga" e que, por este motivo, aliaram-se contra o inimigo em comum.

O papel dos elfos era fornecer as armas, já que sua fama como forjadores de armas mágicas alcançava todo o Reino. Os lupinos estavam se recuperando e estabelecendo na Grande Floresta, tendo plena noção de que precisariam enfrentar mais do que alguns dragões irados. Já os humanos, esses não tinham muito o que fazer com os poucos soldados que lhes sobraram, então resolveram fazer algo impulsivo: pedir auxílio dos magos negros.

Sim. Eu sei que disse que os magos eram uma raça neutra, porém, os magos negros eram uma divisão à parte. Discriminados pelo reino, não participavam de quaisquer assuntos, fossem políticos, econômicos ou "sociais". Eles eram livres para viver suas vidas sem colocar seus dedinhos sujos e corrompidos no Reino.

Mas pouco se sabia sobre eles. Apenas duas informações estavam corretas: 1— eles eram poucos e 2— eles eram poderosos. Mas quão poderosos? O suficiente para derrotar os dragões?

Seria muita irresponsabilidade apostar no "sim", mas os humanos nunca foram conhecidos pela sua racionalidade...

Demorou algum tempo para conseguir reunir um número que fosse considerado suficiente de magos negros, logo eles estavam ao lado dos vampiros, preparados para morrer pela recompensa que lhes foi oferecida.

A aposta dos humanos se mostrou um grande sucesso e os dragões foram enfraquecidos e derrotados, mas a recompensa dos magos não veio, pelo contrário. A discriminação e o medo aumentaram. Que seres seriam esses? Capazes de derrotar toda uma raça tão poderosa e não receber punição alguma por parte dos outros magos da Redoma? Eles não podiam ficar livres por aí.

E então foram exilados no território denominado “Lado Negro”, mas, inexplicavelmente, mago por mago começaram a desaparecer até que só sobrassem dois: um mago primordial, com centenas de anos de idade e uma pequena maga negra de pouco mais que algumas décadas de idade.

Mas o mago também sumiu e a pequena maga foi a única no caminho da extinção total dos magos das trevas.

Ela cresceu, absorveu os conhecimentos deixados pelo seu mestre e foi em busca de mais. Chegou ao topo e exigiu que sua classe tivesse participação no Reino. Tornou-se uma das magas da Redoma, formando o que conhecemos como As Três.

Recrutou e treinou todos os magos com possibilidades de tornarem-se das trevas e, assim, ressuscitou sua classe quase extinta.

Mas essa história é dos primórdios de Serith, quando ela tinha pouco mais de 400 anos.

Três mil anos depois a história se repetiria, mas, dessa vez, os magos negros estarão de um lado diferente.

Do seu próprio lado.

Desconfiança

Já havia algum tempo que os seres de Serith notaram algo estranho acontecendo no céu. Não era uma mudança significativa, por isso, apenas aqueles que possuíam um alto nível de sensibilidade mágica podiam notar: o céu estava cada noite mais escuro, com menos estrelas, e a lua já não tinha tanto brilho como nas noites mais belas de Serith, onde era sempre cheia (mesmo continuando gorda e redonda bem no meio do céu). Até os raios prateados que se derramavam sobre a copa das árvores pareciam deixar suas sombras mais... Densas.

Alguns atribuíam este fenômeno ao clima tenso que estava se desenrolando entre as seis raças principais e seus sete representantes que, desde sempre, carregavam o orgulho acima de qualquer coisa, ameaçando eclodir uma guerra. Se bem que... Qualquer coisa poderia fazer esta tal guerra eclodir, considerando que a aliança dos vampiros e elfos com a maga negra Yz'ra havia-se consolidado e que isto era uma ofensa aos demais. Além de haver uma rivalidade monstruosa entre os Sete Reis.

— Alianças com magos negros já foram feitas no passado e não resultaram em nada bom. —Ofélia, a Rainha Vermelha (Rainha dos lupinos) se pronunciou primeiro, verbalizando aquilo que muitos pensavam— Na verdade, —ela continuou— apenas nos renderam um imenso ódio por parte dos magos remanescentes. Nós os traímos.

Alguns olhares tortos foram dirigidos aos representantes humanos presentes, pois, por mais séculos que se houvessem passado, milênios na verdade, o rancor das cinco raças restante não havia deixado de pairar sobre as cabeças dos humanos.

— Ofélia, de nada nos importa o rancor dos magos negros... Lady Yz'ra irá nos favorecer e—

— Favorecer? —Oberon meteu-se no meio da fala do representante vampiro (Octavio)— Ela nunca verbalizou estas palavras, meu amigo de presas.

Ah, sim! Eu me esqueci de contar o que se passa neste momento, que desatenta. Uma sessão com os sete líderes foi convocada por Ofélia, acho que tinha algo a ver com um boato sobre a aliança dos magos com o Território Negro, ou alguma coisa do gênero.

— Mas ela nunca disse o contrário. —Rebateu Octavio. Você certamente conseguiu sentir até um bico emburrado se formando, não?

— Está sendo ingênuo demais, Octavio. Yz'ra nunca participou de nenhum conflito nesses milênios todos e não acho que agora irá. —Opinou Livigor, o Rei Dragão. Altivo, apoiando-se em sua espada longa, com a qual havia vencido tantas batalhas, tão diferente de seus antepassados.

Ouviram-se uma pequena risadinha, creio que tenha sido de Oberon.

— De qualquer forma, não é este o ponto dessa reunião. —Retomou Oberon.

— E qual é, mesmo?

Como sempre, o líder dos paladinos (uma das divisões humanas, como foi dito anteriormente) estava meio... Perdido. Mesmo com tantas batalhas ganhas, ele ainda conservava seu ar de irresponsabilidade e egocentrismo, algo que ficava evidente até na forma como sentava-se em seu posto. Largado e com as pernas apoiadas em algum lugar confortável (geralmente as belas coxas de uma serviçal).

— Ery, eu realmente gostaria que você tivesse mais respeito para com seu posto, é por isso que os humanos têm tão pouca estima entre as seis raças.

Novamente, alguns risos, mas, desta vez, apenas de sarcasmo. Todos sabiam o porquê de os humanos não terem respeito, mas ninguém verbalizava. Ery tinha um gênio muito forte e a frase de seu companheiro de raça, —Walt— (líder da divisão guerreira) só o fez rir secamente.

— Tão perspicaz quanto uma árvore. —Caçooou Octavio.

— Cavalheiros... Por favor... —Interveio Ofélia.

Aproveitando que o clima estava um pouco tenso, vamos falar sobre os sete representantes que ali se encontravam, mas, pra isso, precisamos começar pela bela arquitetura da sala: era totalmente feita de pedra; as paredes, o chão, a lareira. A maioria não precisava de nada parecido com aquela lareira enorme para aquecê-los, mas ela estava ali por causa das duas únicas exceções: Ery e Walt; paladino e guerreiro.

No centro da sala havia uma mesa de vidro, imensa e suspensa no ar por magia, com sete cadeiras e sete espaços largos entre si. Nas pontas, sentavam-se Livigor e Octavio. O primeiro, a imagem da seriedade e honra, o segundo, a imagem do sarcasmo e ironia. Um comandante de patente elevadíssima e honra ainda maior, Rei de todos os dragões e o outro um pirralho mimado com um território inteiro como caixinha de brinquedos.

Na lateral direita encontrava-se a Rainha Ofélia, líder dos lupinos e uma das poucas mulheres ali presentes. Sua expressão era doce, mas endurecida pela pele amorenada e os longos cabelos vermelhos. Sempre que falava, era no intuito de acalmar os ânimos, mas todos sabiam que essa era apenas uma fachada. Provavelmente, era o que os outros falavam, tinha o cabelo vermelho para demonstrar sua verdadeira natureza: uma lupina cheia de ódio em seu pequeno coraçãozinho sensível à prata.

Ao seu lado, Oberon. Este, nós já conhecemos: o pequeno Elfo Rei de nariz empinado e orgulho maior que sua estatura. Seus guarda-costas 3x4 não estavam com ele naquele momento pois, na Redoma, não era permitida qualquer demonstração de hostilidade. Estava evidente o medo que ele sentia por isso, ou teria algum problema grave de tremedeira?

Na lateral esquerda sentavam-se As Três, que na verdade eram duas já que Yz'ra não estava ali. Ela nunca estava. Reyl'la, uma maga material centenária e Sah'mira, uma maga elemental um pouco mais jovem que a mulher de cabelos azul metálico ao seu lado (Reyl'la sempre foi extravagante, até a cor de seu cabelo era tida como estranha).

— Acho que deveríamos começar. —Sah'mira sugeriu, praticamente debaixo da mesa de tanta vergonha que sentia, acariciando uma mecha de seus estupidamente longos cabelos cor de cobre.

— Mira tem razão. —A intimidade com que Reyl'la falava de Sah'mira ainda incomodava muitos presentes.

— Aliás, ninguém me respondeu sobre qual era o propósito dessa reunião. —O paladino desleixado voltou a queixar-se.

— Erys, você é um caso perdido.

Alguns riram com o comentário de Walt.

— Bem, bem... Nossa reunião de hoje é sobre algumas alianças feitas por Lady Yz'ra com os nossos amigos Octavio, Oberon e Livigor.

— Creio que haja um equívoco aqui, Ofélia, eu, como Rei, não fiz nenhum acordo com uma maga negra, apenas dei permissão para que ela *estudasse* as minas em meu território. Não sei se todos concordam, mas seria estranho declarar guerra ou expulsá-la, considerando suas intenções pacíficas. —Defendeu-se Livigor.

— E seria um pouco... Extremo demais. —Octavio estava se mantendo silencioso agora que o assunto tinha chegado a um ponto um tanto tenso— Além de ser um motivo muito pequeno para uma reunião entre os Sete Reis. Já faziam uns 200 anos desde a última.

— Eu acho que não deveríamos falar sobre guerras aqui. —Murmurou Sah'mira, tal como alguns presentes, ela também se sentia incomodada com a simples menção da palavra guerra aos sete seres mais politicamente poderosos do Reino.

— Mas por quê? Guerras são assuntos interessantes. As estratégias maquinadas no calor da batalha, sob a morte de milhares de soldados enquanto seus generais, muitas vezes, as usam como vantagem... Fascinantes, fascinantes. —murmurou Ery, observando atentamente Oberon.

O clima tenso agora era paupável entre todos. Alguns olhares demonstravam ferocidade, ódio, alguns até vergonha.

— Sir Ery, não gostaria de um pouco de vinho? —Ofereceu Reyl'la, prestativa e sorridente.

— Claro, por que não?

...

O território negro era um lugar isolado do resto do reino. Tratava-se de uma imensa ilha cortada por montanhas escarpadas e pontiagudas, possuindo pouca vegetação, mas o bastante para assustar quem por lá tivesse algum negócio (a não ser os maus caracteres que procuravam se abrigar dos Sete Exércitos). Era rara, mas assustadora (a vegetação, digo), com árvores esguias e raquíticas, negras e ressequidas, mas que lutavam contra o clima dia após dia, mantendo-se de pé mesmo com os fortes redemoinhos de vento que as estapeavam diariamente.

Um lugar marcado por dor, sofrimento e exclusão, com vastas áreas de campos abandonados que não serviam para o cultivo. Este era um lugar onde ninguém ia com boas intenções ou por livre e espontânea vontade, onde ficavam os magos negros isolados junto com suas taxas de ódio e rancor. Em suma, um lugar feio, pobre e mal visto pelos outros, mas... Era pra lá que ela estava voltando.

Pro seu lar.

Diferente de quando partiu, não estava sozinha, sua pequena companheira estava consigo.

— Minha senhora, —ela iniciou— fiz o que me pediu e acabei encontrando duas dezenas de pessoas que se encaixavam nas suas exigências, de magos a paladinos. Alguns estão em seus respectivos territórios e outros se encontram dispersos por aí, procurando um rumo ou um trabalho.

— Muito bem. —foi a única resposta que ela conseguiu pelo resto do dia.

Silenciosa como sempre, a passos suaves e pacientes, ela adentrou seu limite dentro do território e, mesmo que tivesse atravessado aqueles muros tantas vezes, nunca deixava de elevar seus olhos para o alto e observar o imenso castelo de pedras escuras que era seu lar, apelidado carinhosamente de Fortaleza Sangrenta pelas rochas usadas para construí-lo serem de um vermelho escuro, quase negro como sangue depois de jorrar por uma garganta aberta.

Parecia uma construção muito velha que lutava contra o tempo há centenas de anos, mas nunca se deixara abater, apesar de tão frágil parecer.

Os tempos estavam difíceis, as pessoas, mesmo no território negro, estavam com receio de logo não terem mais o que comer. Pessoas essas que não tinham maldade em seus corações, mas que também não tinham dinheiro em seus bolsos. Ouro, jóias, nada disso fez parte de suas famílias há eras, então não podiam viver em seus territórios, pois, pessoas tão pobres assim eram consideradas inúteis e não tinham direitos (porque não podiam pagar por eles).

Serith, num dia bem distante, havia sido um bom lugar para se morar, com boas pessoas e ouro em abundância, mas a ganância dos Sete Reis roubara daqueles que não podiam lutar o direito de voz própria. E era pra *lá* que todos iam quando não podiam mais viver como seres vivos: o território negro. E era de todos eles que ela cuidava.

Mesmo não havendo muitos campos férteis, ela sempre dava um jeito de melhorar a vida de seus cidadãos. Querendo ou não, era uma Rainha também, embora o título não lhe agradasse nem lhe inspirasse importância alguma.

A Rainha Negra.

Dá até arrepio, não? Nos faz pensar sobre que tipo de monstro ela deveria ser, qual o tamanho que suas verrugas e dentes pontiagudos deveriam ter, mas... Um monstro não criaria vida, não daria vida a árvores ressequidas e infrutíferas. Monstros não se preocupam com esse tipo de coisa, então, vocês devem se perguntar, por que ela tinha o título de monstro? Simplesmente porque as pessoas eram maldosas e o preconceito era mais simples que o raciocínio. Mas ela não era um anjo também. Acho que, em algum momento, uma de suas magias desagradou o povo de Serith, algo assim. Mas ela se importava? É claro que não, seu nível de poder era grande a ponto de garantir essa... Esse... Como eu poderia descrever o exato sentimento?

Desapego. Sim, era isso.

Yz'ra não tinha apego por nada a não ser conhecimento, não o poder, mas o conhecimento. O poder era apenas uma consequência que ela não rejeitava, afinal, seu poder lhe permitia obter mais conhecimento de formas menos difíceis.

Menos difíceis, não fáceis.

Ah! Esse seria um ótimo momento para uma pequena história, não é? Uma história não tão antiga quanto as anteriores, não se preocupem.

Vamos lá, então. Voltar algumas décadas no tempo.

A curiosa história de uma maga e um grimório

Algumas luas antes, Yz'ra estava entretida com alguns novos tomos antigos que encontrou na biblioteca da Redoma. Era uma coisa extremamente rara de acontecer, digo, não é como se a maga negra fosse muito sociável, principalmente com *aqueles* magos da Redoma, tão cheios de si e tão pomposos em seus *status* e hierarquias, e me refiro também aos tomos, literatura mágica de qualidade não era muito o que se encontrava ali já que os magos eram desleixados. Tratavam a magia como um sistema onde não se fazia nada a não ser subir de nível, um joguinho de poder. *Nojentos*, ela pensava sempre que os via de relance em suas saídas da biblioteca (não havia muito espaço para um círculo usado nas magias de teleporte, então ela deveria fazer isso um pouco longe dali).

Naquele dia em específico, seu humor estava um pouco mais azedo. Eram tomos antigos, raros e valiam pilhas e pilhas de ouro (não que ela cogitasse em algum momento vendê-los), mas eram inúteis para suas atuais pesquisas no território draconiano. Estavam bem organizados em pequenas pilhas sobre uma mesa de madeira lustrosa, onde Yz'ra depositava um após o outro, depois de verificá-los e ver que eram completamente inúteis.

— Procura algo específico, Lady Yz'ra? —era ela de novo, aquela maguinha material que estava em ascensão na hierarquia mágica e tosca dali.

Por algum motivo, nas raras visitas de Yz'ra àquele lugar, ela sempre tentava rondá-la e iniciar uma conversa, sem se abalar com o rosto inexpressivo da maga negra e com a sensação densa de poder que irradiava de seu corpo mesmo a metros de distância. Acho que a sede de poder e fama faz isso com as pessoas. Torna ela meio que... Suicidas.

— Não.

— Eu posso ajudar?

— Não.

Aquela maguinha não parecia nem ser digna do olhar inexpressivo dela, afinal, sua pesquisa era prioridade, uma maga desejando fama não lhe tinha nenhuma utilidade naquele momento. Quem sabe depois?

— Eu gostaria muito de ser útil, e tenho certeza de que acabarei sendo. É só me dizer o que está procurando. —ela ronronou, enroscando um de seus fios de cabelos azuis metálicos no dedo.

— Não me atrapalhe. —os tomos levitavam suavemente sobre sua cabeça enquanto ela os consultava.

— Mas... Eu quero ajudar! —fez um biquinho e debruçou-se sobre a mesa observando os tomos, todos os títulos lhe deram uma ideia de qual era o tema da pesquisa de Yz'ra— Continência mágica... Eu estudei um pouco sobre isso com meu mestre quando passamos pelos metais anti e pró-magia. Ele até me presenteou com uma versão original de *O ouro escarlata*. —os olhos de Yz'ra se voltaram para a maga— Ah, o conhece? Dizem que foi escrito por um mago negro muito famoso que desapareceu há séculos.

— Ainda o tem?

— O livro? —ela sorriu— Claro, foi uma herança de meu mestre, afinal.

— Gostaria de vê-lo.

— Não há problema algum. Viu? Eu disse que acabaria sendo útil. Mas um favor retribui-se com outro, não?

Lembram-se que eu disse que a sede de poder transformava as pessoas em suicidas em potencial? Talvez algumas buscassem mesmo a morte fria, lenta e dolorosa.

— Está tentando barganhar comigo?

— Longe de mim, estou apenas... Implorando por suas habilidades. Tem um problema que eu não consigo resolver sozinha e tenho certeza de que pode me emprestar suas forças rapidinho, coisa simples.

— Que ousadia. E o que é que deseja? —Yz'ra tinha achado interessante encontrar alguém que não se intimidava pela atmosfera negra que lhe rondava ou seu poder advindo das partes sombrias e abissais da magia.

— Apenas chutar uma pequena mosca do local que é meu por direito.

— Por apenas um tomo antigo? Se deseja tanto assim subir neste lugar, aumente suas apostas.

A maga engoliu uma saliva seca antes de falar com um risinho.

— Ah, claro, eu não estou despreparada. Minhas pesquisas no território lupino há alguns anos me renderam algumas descobertas impressionantes sobre as fontes ancestrais daquele lugar.

— Volte quando tiver algo mais que valha a pena.

E ela voltou. E continuou voltando e voltando. Sempre oferecendo algo mais valioso que o anterior, mas estava apostando no local errado: não era o valor, era o conhecimento que Yz'ra desejava.

Yz'ra não nutriu nenhum sentimento especial pela maga de cabelos azuis, mesmo que qualquer um tivesse se irritado e chutado ela e sua arrogância alguns metros de distância, mas também não a tomou como insignificante. Qualquer um que despertasse sua curiosidade não poderia ser chamado de insignificante, oras! A maga negra se perguntava sob quais meios a outra tinha chegado àquele lugar e o que a fazia desejar tanto subir, mas tinha uma vaga noção de que os meios não deveriam ter sido tão humilhantes já que sentia uma enorme quantidade de poder emanando daquela maguinha impertinente.

Ela era poderosa, mas sua mentalidade restringia seus poderes. Ela não sabia o que poderia fazer muito bem, apenas se virava com as poucas coisas que já tinha conhecimento sobre si mesma. Que história interessante para Yz'ra se encaixar, não?

Vários e vários dias se passaram até que a maga voltasse na biblioteca para trazer mais uma oferta para Yz'ra, no entanto, naquele dia seu sorriso estava ligeiramente apagado e seus olhos fundos, como se não dormisse há tempos ou estivesse deveras preocupada com algo.

Yz'ra presumiu que aquela empreitada era importante demais para ela.

— Olá. —disse num muxoxo.

— O que me dirá hoje? —perguntou Yz'ra, sem muito interesse, enquanto folheava um grimório antigo.

— Eu... —começou sem saber muito bem por onde— Eu ofereço meus serviços, senhora. Não tenho nada mais que possa lhe interessar e devo estar fazendo um papel muito ridículo, tentando contratar os serviços de uma maga negra, ainda mais a maior de sua classe. É só isso que me sobrou agora: meus serviços e favores.

Yz'ra ponderou.

— Eu aceito.

A outra ouviu com descrença, já que havia imaginado que seus serviços eram a coisa menos valiosa que poderia oferecer, mas sentiu-se imensamente grata e feliz pela aparente estupidez daquela que diziam ser a criatura mais temível de Serith, um monstro feito de trevas e exalando trevas, mas... Olhando assim (ela pensava), era só uma garotinha de cabelos curtos e vermelhos até que fofa, que não lhe chegava nem na altura do queixo.

Dada a facilidade com que tinha conseguido seu intento, a maga começou a imaginar se Yz'ra seria tão poderosa assim. *Olha essa aparência, que tipo de mago mantém seu corpo de criança depois de, sei lá, uns três mil anos?* Divagava. *Não acredito que foi com essa coisinha que andei me preocupando tanto, é só...*

— Mas há alguns outros termos. —complementou a maga negra, cortando não só a linha de raciocínio da outra como seu entusiasmo e arrogância crescentes diante do “triunfo”.

— E quais são? —murmurou, temendo ter de sacrificar algo que poderia diminuir suas chances de se tornar famosa.

— Todas as ofertas anteriores, um pequeno ritual e um favor que cobrarei quando desejar.

Yz'ra não sorriu malignamente como a outra imaginaria, não deu uma risadinha sádica nem ergueu a sobancelha com um ar de “está vendo quem é superior?”, o que a intrigou tanto quanto assustou. Diabos! Era só falar o que ela queria, não precisava trucidar a paz e calma da outra maga.

— Eu acho que é um pouco demais, lady Yz'ra, estou sacrificando muita coisa em troca de pouca.

— Reylla, —a maga se arrepiou ao ouvir seu nome pronunciado pela outra, algo que a fez pensar que teria sua cabeça separada do corpo naquele instante, ou os braços iriam primeiro, ela não conseguia ter certeza— você decidiu apostar muito alto quando veio falar com alguém que tem mais que o triplo do seu poder, e apostou ainda mais alto quando tentou comprar os serviços desse alguém como se fosse um simples mercenário. O único motivo de ter-lhe dado atenção foi pelo divertimento de suas ações patéticas movidas por motivos ainda mais patéticos. E o único motivo de cumprir este pequeno pacto ao invés de apenas tomar-lhe tudo e matá-la é que será mais divertido vê-la se arrastando até chegar no topo.

Reylla assentiu como uma aluna ouvindo atentamente a lição de um mestre do qual tem medo. As palavras de Yz'ra não lhe causaram a impressão de superioridade (isso estava impregnado no ar ao redor da maga negra), mas sim a impressão de que, um dia, Reylla teria de pagar um belo preço pela sua impertinência e pela tal aposta mencionada. Mas, por aquele momento pelo menos, ela apenas iria aguardar que aquela pequena maga

fosse esmagada para que ela pudesse sapatear sensualmente sobre seus restos enquanto subia os degraus de mármore até o Centro.

Dias e mais dias se passaram, Reylla aguardava ansiosamente. Não ousou perturbar Yz'ra em suas pequenas visitas, mesmo que não soubesse ao certo se ela havia aparecido novamente na biblioteca. Tinha medo de provocar a ira da maga e acabar com seus planos cedo demais, mesmo que nunca tivesse visto nenhuma emoção passando por aquele infantil e pálido rosto.

Dias. Meses. Ela já estava se cansando de esperar.

Até que...

Foi bem no início da noite, quando os últimos raios de sol estavam sendo estrangulados pelos raios lunares e o céu era uma profusão de cores vagando pelo cinza, se aventurando no roxo e acabando no laranja com toques avermelhados. Yz'ra gostava de observar aquele espetáculo enquanto caminhava. O lugar em que estava tornava também tal caminhada um pouco mais agradável: era uma casa não tão modesta de dois andares numa pequena colina de Elderon (a capital do território mago, conhecida também como Cidade da Magia).

Passou pelo pequeno portãozinho de ferro, delicado e ornamentado com alguns fios de ouro, tocando suavemente a maçaneta fria. Seguiu pela estradinha até a porta, onde uma mulher já lhe aguardava. Ela era alta, de sorriso gentil e tinha os cabelos da cor do luar que estava surgindo naquele momento. Era uma visão familiar para Yz'ra.

— Lady Yz'ra. —ela disse, curvando levemente a cabeça de forma respeitosa enquanto aguardava que a pequena ruiva entrasse, o que não demorou.

Estava esfriando.

— Devo dizer que sua visita me assusta ou seria indelicadeza demais? —a estranha comentou com bom-humor, sentando-se no sofá de frente pra Yz'ra.

— Indelicadeza maior é o motivo de eu estar aqui. —a maga respondeu, sentando-se também.

A outra riu.

— Eu imaginava, mas acaso não teria sido mais fácil não ativar minhas magias de defesa?

— Sim.

— Então...?

— Seria desonroso, mesmo que uma desonra a mais ou a menos não vá fazer diferença em minha reputação.

— Realmente, sua reputação não é algo a se orgulhar. Deseja algo? Eu estava preparando um chá antes de sua visita.

— Não, Sarah, desejo ser breve. —Yz'ra respondeu, já levantando-se do confortável sofá enquanto fazia gestos lentos e suaves com seus dedos pequenos.

— Certo.

A maga de nome Sarah também começou a movimentar seus dedos longos e ágeis, movendo os lábios no ritmo de feitiços agressivos, caminhando para fora de sua casa enquanto Yz'ra a acompanhava.

A primeira das quatro farpas metálicas que disparou contra a maga negra alojou-se um metro de distância da sua perna esquerda. As outras alojaram-se em cada ponto

cardeal, criando um semiquadrado em torno de Yz'ra. Aquele era um metal que conduzia magia, como ouro conduz eletricidade, mas podia reter ou desviar tal magia de acordo com a vontade do mago material (apenas os mais poderosos tinham essa dominância tão forte). A magia de Yz'ra seria bagunçada e refletida contra ela dentro daquele semiquadrado, no entanto, Sarah esqueceu-se que os magos negros possuem todas as dominâncias: elemental, material e... Bem, a outra não vem ao caso.

Mas nenhuma delas foi utilizada para escapar da armadilha, não foi necessário. Um mago elemental pode utilizar o ouro para conduzir raios (que são eletricidade), mas não pode controlar o ouro pois é um metal e isto está fora de *sua* natureza, enquanto um mago material pode utilizar o ouro para conduzir tais raios e fugir, mas não pode fazer nada quanto a mover os raios. Sarah podia desviar, reter, canalizar ou conduzir magia de todos os tipos, mas não a de Yz'ra.

Suas pequenas farpas metálicas não podiam conter uma magia corrompida, semelhante a veneno, algo corrosivo para aqueles que nunca trilharam metade do caminho de um mago negro. E esta era uma das coisas assustadoras acerca dos magos negros: sua magia não era capaz de ser desviada, retida, canalizada ou conduzida. Quanto maior fosse, mais destrutivas seriam as consequências para quem tentasse e Sarah estava sentindo naquele momento.

Ela entendeu que não podia lutar do modo defensivo quando seu coração começou a palpitar incessantemente e seus ouvidos chiavam como se o sangue borbulhasse, então ela desfez as farpas e apressou-se em preparar outro tipo de ataque destrutivo de larga escala.

Sarah era a maga material mais poderosa dentro da Redoma, seu poder e suas pesquisas eram lendárias, mas, naquele dia, ela assustou-se diante de uma magia que nunca tinha estudado. Naquele dia, ela sentiu a dor que um mago negro carregava ao longo de sua imensa jornada. Naquele fatídico dia, ela perdeu e foi fadada a ter sua essência aprisionada dentro de um pequeno grimório de aparência simples, porém, as coisas com que Sarah passou a conviver faziam daquele pequeno grimório uma coisa deveras assustadora, algo a se temer, uma represa de magia perversa prestes a transbordar.

E seu rompimento só dependia da vontade da portadora dele: Yz'ra.

A essência do mundo

Você, de certo, já ouviu falar na palavra “essência”, não?

Já refletiu sobre o que ela fala ou o que significa? Não? Então vamos falar um pouco dela já que Serith é completamente repleta de essências!

Nenhuma das raças possuía uma essência igual, com o mesmo cheiro ou a mesma cor. Cada uma delas era única e condizia com sua natureza: a essência dos vampiros era vermelha e translúcida, mas isso dependia de quanto tempo fazia que tinham se alimentado; a essência dos magos era colorida e brilhava suavemente porque sua afinidade com a magia era imensa; a essência dos dragões era prateada como o luar; a dos elfos era verde como grama fresca e possuía alguns tons dourados; os lobisomens tinham uma essência azulada e os humanos... Bem, a essência dos humanos não podia ser vista por nenhuma raça, nem mesmo os magos. Ela não era translúcida, simplesmente não existia!

Alguns magos mais esnobes chegavam até a dizer que os humanos não podiam ser considerados nem formas de vida. Que tipo de ser não pode ter sua essência, sua fonte de vida e domínio da magia, vista por olhos mágicos? Nem mesmo os orcs ou trolls, que eram insignificantemente fracos, tinham esse problema. Até eles controlavam mais magia que os humanos, que coisa humilhante!

Era por isso que eles viviam confinados em seus territórios, onde as outras cinco raças inteligentes diziam que deveriam estar. Claro que, de vez em quando, se aventuravam em outros territórios, outros lugares, para provar o sabor da vida e de uma boa aventura, mas acabavam provando apenas o sabor amargo do preconceito e superioridade de um elfo (se dessem sorte) ou de um vampiro (se fossem extremamente azarados). Vampiros adoravam jantar humanos, já que eles tinham sangue de sobra e não faziam nada com ele, então por que não aproveitar? Jantar (ou almoçar, mas nunca comê-lo pela manhã, não era saudável) um humano dava aos vampiros cerca de seis meses sem se alimentar, e sem contar que o gosto era delicioso.

Em todo lugar há verdades que são melhores quando não ditas, mesmo que todos saibam que elas estão lá, espreitando para vir à tona e fazer alguma lágrima cair ou algum sorriso murchar. Os humanos eram cheios dessas verdades, cheios de coisas com as quais conviviam, mas não enfrentavam. Uma delas era a escravidão que assolava a parte leste do seu território. Walt já tinha levado essa questão para uma reunião com os Reis, mas nunca foi levado a sério. E por que seria? Eram aqueles reis que permitiam seus aristocratas, magos de alto escalão, elfos sádicos e lobisomens entediados fazerem qualquer tipo de uso dos pobres humanos. Seus corpos eram aproveitados para fazerem faxinas em castelos enormes, ou servirem de cobaias em descobertas ou testes estranhos, ou mesmo seu sangue era utilizado como fonte de alimentação e poções.

Os humanos apenas se mantinham em seu território, isolados, com medo de serem os próximos a servirem no castelo de algum aristocrata ou ter sua garganta cortada para servir de refresco a alguém. Não pensavam muito no assunto, de que adiantaria? Suas

armas não funcionavam contra as outras raças e nem a própria geografia do lugar os ajudava de alguma maneira. Eram imensas, gigantescas, porções de terra cercadas de campos, férteis ou não, rios, matas e alguns poucos vilarejos. Era o maior território, e o mais inútil para todos os outros seres: não havia metais preciosos, minas, locais propícios para magia ou algo do gênero... Não havia nada que os fizesse desejar aquele lugar.

Era isso que mantinha todos os patéticos humanos a salvo.

Mas eles mesmos entravam em conflitos com os de sua raça de vez em quando, ou mesmo com algum *forasteiro* (era assim que chamavam os seres que adentravam o território, fosse de que raça fosse).

Naquele dia, um *forasteiro* havia chegado na vila onde Eleen morava novamente. Era o terceiro numa lua só, um recorde para sua taverna apertada (porém sempre limpinha).

Limpando as mãos num avental de tecido encardido, ela aproximou-se do forasteiro e lhe deu um sorriso gentil e caloroso que muitas vezes era o motivo para homens irem àquele lugar. Isso e a torta de carne de porco que era divina.

— Seja bem-vindo, senhor, o que deseja? —ela não sabia que raça era aquele grandalhão, mas não se deixou intimidar.

— E por que você acha que tem alguma coisa aqui que eu podia querer?

O ambiente já estava tenso. Os humanos sentiam o cheiro de magia exalando daquele cara e não queriam se meter com ele, o medo era maior que a admiração que sentiam por Eleen.

— Por que o senhor não me diz o que deseja? Veremos se podemos ajudá-lo. — mais um sorriso.

— Deixa eu pensar... —ele sorriu mostrando presas pontudas e afiadas. *Um vampiro*, pensou Eleen com horror— Eu quero uma boa puta, será que tem uma por aí? —disse encarando todos os arredores, como se procurasse mesmo a mulher.

— Há um bordel na esquina, senhor, o preço é bom e as mulheres-

— Eu quero agora, não depois. —ele sorriu de um jeito estranho— Acho que você serve.

Eleen nem mesmo foi agraciada com a chance de esconder seus seios desnudos quando o forasteiro lhe arrancou o espartilho fora tão agressivamente que as marcas de unha ficaram gravadas da alvura de sua pele. Aliás, mais tarde, olhando-se no espelho, ela veria que as mãos nojentas daquele ser tinham ficado marcadas em suas coxas, cintura e todos os lugares em que ele havia rasgado sua roupa.

— Não há nada como uma boa puta humana. —ele grunhia enquanto a invadia ferozmente, ignorando o sangue quente que corria entre as pernas de Eleen.

Ao terminar, se abaixou e lambeu o sangue, enquanto todos viravam o rosto como se, dessa forma, pudessem ter menos culpa ou menos pesadelos com aquilo. Eleen não aceitou que a ajudassem a levantar, não aceitou que a olhassem com piedade, nem mesmo aceitou a mão amiga de um senhor de idade que dizia que iria vingá-la.

— Posso ter a honra de saber seu nome, senhor? —ela perguntou, sem se preocupar em esconder seus peitos fartos da vista de todos. Era uma preocupação ridícula dadas as circunstâncias.

— É Trarho. Eu estou hospedado numa pocilga há uns metros daqui, se quiser repetir a dose, venha me ver.

Eleen sorriu.

— Sim, senhor, eu irei.

Ela não mentiu.

...

A porta abriu-se silenciosamente depois que ela recebeu a permissão de entrar.

— Então você veio mesmo. —grunhiu novamente o vampiro— Essas putinhas humanas gostam de serem fodidas com força, não é?

— Sim, senhor. Temos um desejo forte de estarmos sob o poder de alguém como o senhor. Tão forte e imponente.

— Chega de bajulação, vá logo tirando esses trapos.

Eleen fez um gesto suave com a cabeça, sempre sorrindo gentilmente.

— Me permite fazer uma dança para que possa agradar seus olhos? É muito comum e os homens gostam bastante.

— Desde que seja rápido.

— Mas, por favor, senhor, tire suas roupas.

Vampiros são velozes, muito velozes, então as roupas foram embora tão rápido que Eleen apenas pôde piscar uma ou duas vezes. Observou a pele dele por um instante; era pálida e veias azuladas apareciam aqui e ali, muito repulsivo para parecer atraente, mas o charme que exalava dele poderia ter feito sua tarefa menos desagradável, mas não fez.

O vestido era um pouco justo, evidenciando os movimentos que seus quadris iniciaram lentamente. Logo seu corpo também se movia naquela dança sensual, complementada por erguidas do vestido aqui e ali. Ela começou a desmanchar o laço que prendia seu espartilho, mas virou-se de costas quando seus peitos fartos estavam quase pulando pra fora.

Trartho desejou muito ter visto mais daqueles peitos tão branquinhos. Mas aquele foi seu último desejo.

Ou talvez o penúltimo, já que, antes de uma adaga atravessar sua garganta com tanta força que enterrou-se até o cabo, ele desejou nunca ter passado naquela maldita taverna e amaldiçoou-se por estar sufocando com o sangue dos humanos que tinha sugado mais cedo.

Ele também nunca soube como morreu. Apenas sabia que tinha sido de uma forma bastante estúpida.

Quando o dia amanheceu, a dona da hospedaria estranhou que o forasteiro não tenha vindo bagunçar as coisas como de costume, então subiu as escadas e bateu na porta. Ninguém atendeu e ela precisou de mais alguns dias para encontrar o cadáver do vampiro cujo não exalava cheiro algum, mas havia deixado pra trás fibras e pedaços de carne putrefata agarrados em um esqueleto de ossos ressequidos. A senhora não gritou, apenas fechou a porta silenciosamente e informou ao seu sobrinho que, e tudo isso com um sorriso, havia uma limpeza para fazer no andar de cima.

Capítulo 5

Um conto de bardo

Muitas histórias são escritas com sangue e suor, outras são cantadas sob uma cacofonia de gritos e pedidos de clemência; algumas poucas, carregadas em peles queimadas e cicatrizes horrendas. Mas ainda existem aquelas que são omitidas, escondem-se atrás de todas as anteriores e nem o olho mais observador consegue achá-las.

Eu vou-lhes contar várias dessas histórias.

Vamos começar por uma noite chuvosa, cheia de raios e trovões cruzando o céu de um azul quase negro, sem nuvens e ameaçador como um presságio de morte enquanto os pingos açoitavam telhados e vegetação indiscriminadamente, e açoitavam também aquele estranho indivíduo caminhando no meio de uma tempestade de verão – geralmente as mais fortes de Serith.

Caminhava sem se preocupar com o vento assoviando em seus ouvidos e o empurrando para trás, impedindo que seguisse seu caminho com a rapidez que desejava, embora nem ele mesmo soubesse para onde estava indo e nem por quê tinha tanta pressa e nem mesmo conseguisse preocupar-se com algo, porque havia meses que era atormentado, vivia sob um teto de medo e desespero, confusão. Talvez só desejasse fazer algo, se movimentar, impedir que sua mente voltasse naquela fatídica noite, naquele eclipse e, principalmente, no cenário em que acordou no dia seguinte.

Mas é claro que traumas não nos deixam em paz por tanto tempo, eles sempre voltam para trucidar cada pedaço de sanidade que nos resta até que não sobre nada. Luccos sabia bem disso, ele estava lutando contra seus traumas naquele momento. Estava mesmo? Oras, nem ele mesmo sabia. Ultimamente, como puderam perceber, ele não sabia de muita coisa, estava apenas deixando a maré levá-lo, como gostava de falar sua namorada.

As lembranças que tinha com relação a ela eram sempre agradáveis, cheias de sorrisos e piadas internas, cheias de campos, corridas ao luar e aromas de comida recém feita, até...

Até o dia em que sentiu o corpo destroçado e sem vida dela em seus braços e soube, sem dúvida alguma, sem titubeio algum, que as tripas dela ainda estavam em suas garras e o sangue dela permeava sua boca. Mais tarde, voltando àquela cena, ele se perguntaria onde estaria o coração de sua amada e se ele o havia comido. O mais estranho era que essas perguntas não eram advindas do trauma, mas sim de uma necessidade de autopunição que ele sentia por se achar tão burro a ponto de acreditar naqueles humanos imbecis, embora tenha sido um deles. A morte de sua família e de todos que amava era culpa de sua burrice, pensava ele, então iria se punir até o resto de sua nova existência (porque ele não vivia, apenas respirava).

Ergueu seu rosto molhado para o céu tempestuoso e apenas ficou ali, sentindo-o cada vez mais úmido. Tantas vezes antes, aqueles olhos perscrutaram o céu cheios de esperança, cheios de vida, agora parecia que a morte grudara-se neles. O azul tão vívido, mais azul que o próprio céu, sempre brilhava. Agora parecia refletir a escuridão ao redor, quase negros.

Seus olhos perscrutaram o lugar em que estava; um campo seco e de poucas árvores se estendia até onde sua visão aguçada permitia. Ele rosnou.

Maldita visão aguçada. Maldito olfato insanamente aguçado. Malditos sentidos apurados! Até mesmo quando sua mente não voltava nas lembranças, seu corpo o lembrava do que era agora e do que tinha sido. Era impossível esquecer.

Era impossível conviver.

E ele sabia que estava ficando louco, mas, antes de enlouquecer completamente, iria encontrar aqueles malditos e fazê-los pagar por tudo que ele viu, ouviu e viveu desde aquela noite. Por ter sua vida destruída e pisoteada. Ele nem se lembrava mais como vivia na antiga vila que nascera, nem se lembrava mais dos vizinhos simpáticos que possuiu um dia. Perguntava-se constantemente se havia sido escolhido ou se era apenas mais um pobre coitado no meio daqueles que foram levados (porque ele se lembrava nitidamente de ver mais de 20 humanos consigo, na mesma masmorra).

Luccos também sabia que *eles* estavam atrás de sua humilde e arruinada pessoa, que também estavam caçando-o, por isso fazia tudo com a máxima cautela, embora tenha topado com um ou outro no meio de suas perambulações por Serith. Poderia dizer que este —a ameaça de ser pego— era o motivo para estar voltando para sua vila natal, mas não era totalmente verdade. Distorceria a história e não haveria graça.

O prólogo já foi contado, agora partiremos para outra pequena história, daremos um tempo a Luccos para ver que história interessante que ele irá nos mostrar em breve.

Era meio do dia e uma brisa suave soprava, lenta, preguiçosa, percorrendo todo o jardim em frente àquela casinha de forma até carinhosa. Quando Reyl’la adentrou na propriedade, a brisa não foi a única a tratá-la gentilmente.

— Você sabe que não há necessidade de vir aqui pessoalmente. —disse a mulher de cabelos longos e cor de fogo enquanto os lábios de Reyl’la separavam-se dos seus.

— Eu sei, mas quis vir.

— Os magos da Redoma e alguns do Alto Círculo já estão começando a comentar. —ela demonstrava tristeza em seu olhar.

Nos vários anos que Reyl’la conhecia aquela mulher, nunca a tinha visto mentindo ou sendo cínica. Era a criatura mais pura que conhecera.

— Já fazem anos, Mira, se eles começaram a falar só agora é porque não devem ter mais nada pra fazer. —Reyl’la jogou-se numa cadeira enquanto apreciava o cheiro de comida no ar.

— Como fica sua reputação depois disso? Quer dizer, eles não aprovam que uma das Três exiba sua amante assim tão abertamente. —suas mãos apertaram a barra do vestido.

— Mas essa amante também é uma das Três, então não tem muito o que se reclamar. Pare de se preocupar com isso, Mira, apenas foque nas nossas pesquisas.

Reyl’la entretinha-se com uma maçã suculenta que estava no cesto à sua frente e fingia não notar o olhar triste de sua parceira. Era sempre mais fácil ignorar a dor dela do que dizer palavras acolhedoras. Aliás, Reyl’la não conhecia esse tipo de coisa. Ela sempre fora muito prática.

— Eu não devia estar ali, Rey. —era a décima ou centésima vez que a mulher ruiva falava aquela frase com uma convicção de quem sabe que é fraco e aceita isso.

— E por que não? Nunca vi uma maga elemental mais forte que você, até os velhos te elogiam.

— Mas meus talentos não servem pro combate. Minha irmã mais velha teria sido uma ótima representante dessa classe, ela tem a Calamidade.

— E ela é uma puta. —“Mira” sorriu brevemente- Prefiro que seja assim, doce e meiga, do que igual à sua irmã.

— Sabe que não importa o que diga, eu vou sempre pensar dessa forma. —mais um sorriso.

— Eu sei, mas já virou tradição que discutamos isso, não? Só estava honrando a tradição, Sah’mira.

Ouvindo seu nome inteiro, Mira entendeu que o assunto deveria se encerrar por ali, senão Reyl’la ficaria brava e o pequeno passeio que tinham planejado iria por água abaixo.

Não muito depois, as duas seguiram até o jardim e Reyl’la fez um círculo para magia dimensional, um teleporte rápido até sua mais nova pesquisa e descoberta.

...

O cheiro pútrido invadiu suas narinas antes mesmo de ela ver os corpos, ainda que não precisasse ver aquela pilha mais uma vez para lembrar-se de como a pele desgrudava dos ossos e apodrecia em montes separados no chão, ou como as bocas escancaravam-se com sorrisos psicóticos e larvas, insetos e outras infinidades de bichos se amontoavam nos restos de carne que haviam lá. Um dos cadáveres tinha a língua dependurada na boca e um pedaço carcomido com uma larva se debatendo na ponta.

Não estava apodrecendo tão rápido desde a última vez que vim aqui. Pensou Eleen, rodeando a pilha de corpos para que nem mesmo o cheiro encostasse em suas roupas.

— Você precisa dar um jeito na limpeza desse lugar, Sila.

Ninguém respondeu, mas ela sabia que ele estava lá, escondido em algum lugar da escuridão do aposento, enfiado em montes de livros ou apenas consultando alguns.

— Ah, Eleen, você precisa ver nossas novas aquisições! Tomos raríssimos e direto da Redoma! —a voz grave vinha de lugar nenhum na escuridão, mas estava tão animada e alta que reverberava pelas paredes de pedra e chegavam até ela estridente.

— Quem foi dessa vez? —sentou-se, estirando as pernas em uma cadeira surrada e de estofamento estripado.

— Acho que foi Clauz, ou Behedit, ganharam algumas escoriações por passar pelos feitiços de defesa, mas estão ótimos, respirando e saudáveis!

— Vão te ajudar na pesquisa? —ela se referia aos tomos.

— Com certeza!

Eleen não tinha pressa, gritar ou espernear não ia fazer Sila sair do seu refúgio sombrio de livros e prestar atenção nela. Ele era obcecado por livros, por tudo que tivesse folhas e escrita nele, sua fome de conhecimento era quase tão grande quanto seu desejo por comida. Eleen nunca achou aquele desejo saudável, mas era graças àquilo, àquela loucura genial, que ela tinha o que tinha e podia fazer o que podia fazer. Não culpava Sila nem lhe dizia o quão são deveria ser, ele tinha lhe dado mais do que ela seria capaz de pagar, então apenas ficava em silêncio.

— Amanhã você completa mais um verão, não é? —Sila perguntou, aparecendo finalmente à luz das tochas e se encolhendo. Ele odiava luz.

— Acho que sim, por quê?

— Já disse que não quero essas malditas tochas perto dos meus livros assim! —ele retirou duas tochas de seus apoios na parede e jogou pra longe das pilhas e montes de livros no chão- Estava pensando em te dar um presente.

Eleen deu uma boa olhada em Sila, em seus quase dois metros, em seus cabelos desgrehados e olhos verdes, sua pele pálida e mortiça, seu lábio trêmulo e suas roupas gastas.

— Você? —ela era incapaz de falar mais alguma coisa diante de uma informação tão assombrosa.

— Sim, eu. Conseguimos recursos suficientes esses últimos dias, podemos gastar alguns *sois* folgadoamente, então pensei em te dar algo. —sua voz soava magoada- Talvez

não seja muito, mas não quero que esse dia passe despercebido. Faremos uma pequena festa.

Eleen encarou as próprias botas e refletiu. A tradição mandava que os pais cuidassem desses pequenos mimos para seus filhos, e que lhes dessem amor também, mas ela nunca teve pais, nunca foi criada por um único parente de sangue e nunca teve amor. Sila era novidade, cuidando sempre dela e lhe dando pequenos mimos de vez em quando.

— Não precisa. —disse sem graça.

— Não precisa, mas eu quero fazer. Nem sempre fazemos as coisas porque somos obrigados.

Ele passou por ela e lhe bagunçou os cabelos vermelhos, abanando o nariz para a pilha de corpos há metros de sua sala.

— Behedit! Venha já aqui limpar esses malditos!

Eleen riu. Talvez aquilo fosse o mais próximo de uma família que ela teria em toda a sua vida.

Talvez não. Ela só queria aproveitar enquanto podia, mas então lembrou-se do motivo pelo qual estava ali e seu sorriso apagou-se rapidamente.

— Sila? —quando ele voltou, ela já estava estendendo-lhe algumas folhas- Recebemos isso dos vigias do leste, parece que há uma criatura viajando pra cá num ritmo rápido, não sabemos o que é ainda, mas Tom acredita que seja um vampiro ou um mago.

— Mas nessa época? Estamos nas tempestades de verão, nenhum mago sairia com esse tempo, prezam demais as suas vestimentas mágicas. —ele analisava a folha distraidamente- E os vampiros são esnobes demais para gastar magia com chuva e vento.

— Bem, seja lá o que for, só pode ser um deles já que o fluxo que irradia é conturbado como o de um mago e tem cheiro de sangue como o de um vampiro. —a pergunta entalava na garganta de Eleen sempre que criava coragem para fazê-la.

— Hmm, interessante... -Sila deu a volta na mesa e pegou o surrado caderno onde fazia suas anotações.

— Sila... Você acha... -Eleen respirou fundo- Você acha que pode ser, sabe, um igual a mim? Acha que outras raças podem estar fazendo o mesmo que você?

Foram longos minutos de silêncio que se seguiram àquela pergunta, Eleen não ousou quebrá-los justamente por saber que nem deveria ter dito aquilo. Era a *pergunta proibida*.

— Já conversamos sobre isso e eu não gosto de repetir as coisas. —Sila respondeu, impacientemente- Infelizmente, minhas pesquisas ainda são vistas com maus olhos e eu sou apenas um mero humano, imagine seres de outras raças!

— Mas... I-isso é ingenuidade! É por eles serem de outras raças que têm maiores facilidades para esconderem as cagadas que fazem, Sila! Eles têm poder e riquezas, nós não temos nada!

— Vá checar isso, Eleen, e não volte até que tenha arrancado a última gota de sangue do que quer que seja aquilo. Não podemos deixar que sujem mais a nossa reputação e façam o que querem na nossa vila, nosso dever é proteger todos os fracos das garras dos fortes.

Com um fraco aceno de cabeça, Eleen saiu. Seus passos pesando mais que sua consciência, afinal, a palavra de Sila era lei.

Capítulo 6

O fim do conto

A informação passada para Sila tinha viajado dois dias e meio, isso significava que a tal criatura já deveria estar no monte a alguma distância dos portões de entrada. Ela precisaria ser rápida se quisesse evitar que, caso houvesse algum confronto, algum cidadão inocente o presenciasse. Ainda tinha calafrios sempre que recordava a última vez que aquilo ocorrera, foi também a primeira vez que ela se questionou sobre a unanimidade das ordens de Sila. A primeira e última já que o homem lhe causava um fascínio gigantesco porque também lhe amedrontava enormemente.

“Eu poderia matar se ele me ordenasse?”, perguntava-se até aquele dia, quando uma menina de cinco anos presenciou a morte de um vampiro pelas suas mãos e Sila ordenou que a silenciasse para que sua pesquisa não fosse descoberta antes de tudo estar pronto. Eleen nunca se perdoou, mas amenizava a culpa dizendo pra si mesma que era pelo bem dos fracos que agora protegia.

Besteira, um assassinato ainda é assassinato, não importa o motivo e o nome que se dê pra isso, refletia em seus dias mais negros, aqueles em que questionava tudo e todos, menos Sila.

As divagações foram ficando cada vez mais intensas até que ela já se via distante da entrada da vila sem nem ter percebido como chegou ali e com os ventos cortantes e gelados de uma noite tempestuosa, mas ainda assim amena, ela sentiu o cheiro da criatura antes mesmo de vê-la, torcendo o nariz pois um cheiro familiar lhe acariciava o olfato. O cheiro de um homem que a muito não via e que amava profundamente, mas, mesmo com a alegria de voltar a sentir seu doce odor novamente, veio as lágrimas, ininterruptas e grosseiras, descendo sem governo algum, apenas o ódio que brotava na humana por lembrar-se que, algumas criaturas incorporavam parte do odor daqueles que... Devoravam.

— *Maldito*. —ela rosnou, já sabendo que enfrentaria um lobisomen jovem— *Eu vou esfaqueá-lo*.

Ela encurtou a distância entre os dois, aumentando a segurança do povo da vila no processo, enquanto já podia enxergar, mesmo numa distância impossível para olhos humanos, a silhueta magra do lobo jovem próxima de mais a cada segundo que se passava, porém, ele parou. Eleen não estava próxima o suficiente para enxergar seu rosto, mas sentiu um cheiro azedo de hesitação, não de instinto assassino, que era o que ela esperava.

Deu passos em sua direção, mas ele deu os mesmos passos para longe.

Mais um. Mais dois. Mais três. Até que estava correndo em direção à floresta e seria um inferno tentar encontrá-lo no meio de árvores selvagens e cheiros de veras

exóticos para seu nariz superumano em desenvolvimento, então ela obrigou-se a correr também atrás dele, não podia perdê-lo.

Não se cansava fácil, mas ele era rápido de mais pra ela, uma simples humana. *Preciso usar a cabeça*, pensou em desespero.

— Por que está correndo? Eu não vou te matar ou coisa do tipo! — gritou por cima do zunido de galhos batendo em suas orelhas.

Que coisa estúpida.

Mas, apesar de Eleen querer matar-se pela burrice de ter conversado com o inimigo, pareceu ter dado certo já que ele diminuiu o ritmo até ela já estar perto o suficiente para ver seus cabelos negros soprados no vento da noite.

Eram conhecidos aqueles fios quase tão negros como a noite, assim como o corpo que viu caindo quando ele desmaiou.

— Lu... *Luccos?*

Chocada, irritada, confusa e com mais uma infinidade de sentimentos em sua cabeça, a ruiva pegou do jeito que pôde o corpo pesado de Luccos e rumou para as entradas subterrâneas do laboratório de Sila, que era, ela pensava, o único que se disporia a ajudar Luccos e *poderia ajudar*.

...

O caminho sem dúvida era pedregoso e tornava difícil progredir, mas era seguro. Não que ele precisasse garantir sua segurança quanto a estranhos, ladrões e emboscadores já que era um *Deles*. Quem? Bem, os magos mais odiados do Reino: os magos negros. Como já sabemos, os magos negros são poderosos a ponto de assustar um reino inteiro, então não precisam temer alguns ladrõezinhos de beira de estrada, mas a questão não era essa.

Serith vivia numa época deveras tensa, onde até um garfo poderia iniciar uma guerra (e outras já haviam começado por menos, diga-se de passagem), mas a diferença era que, todos sabiam, toda e qualquer raça estava desenvolvendo armas eficazes contra as outras seis e não haviam amigos nem inimigos, já que declarar-se amigo de uma primeria raça o torna inimigo de uma segunda, além de ser visto como o estopim da guerra.

Este era o motivo de B ter escolhido um caminho tão difícil, mesmo podendo se defender: ele era um mago negro e sua existência queria dizer muita coisa, principalmente *caos*. Sob o manto de uma magia que suprimia seu poder, ele tentava progredir com seus estudos sorvendo conhecimento como um sedento numa fonte de água fresca e tal manto restringia muito suas magias efetivas, deixando apenas as deveras destrutivas em ativo, como último recurso apenas.

Ele parou para descansar embaixo de uma árvore e ergueu seus olhos rubros para o céu, onde um sol vermelho como fogo se punha atrás de nuvens violeta e azuis, era um espetáculo que qualquer seritheno parava pra admirar, não importando quantos anos possuía e quantas vezes tinha vislumbrado o fenômeno, mesmo que por alguns instantes, como B fez. Tirou sua bolsa de couro de cima dos ombros cansados e sentou-se à sombra de um grande ramo-de-fogo, uma árvore muito conhecida em Serith e muito usada em poções de cura.

— Ah, é mesmo, eu estou sem algumas poções. —murmurou consigo mesmo enquanto verificava suas poções e o estoque que ainda tinha, preocupando-se com as de cura usadas na vila passada, um local bem no centro do território élfico— Preciso repor urgentemente.

Arregaçou as mangas e começou a subir a árvore com destreza para pegar ramos e folhas e repor as ditas poções, porém, do alto, percebeu que uma silhueta se aproximava, não sabendo dizer se era feminina ou masculina. Havia ainda uns bons metros entre eles, mas B decidiu que era mais seguro e inteligente permanecer ali, em cima da árvore, e evitar qualquer tipo de conflito ou suspeita. Pressentia que coisas boas não iriam acontecer se ele descesse do ramo-de-fogo.

O sol já tinha se posto e a lua ocupara seu lugar imediatamente quando a figura apareceu à vista de B, misteriosa como da primeira vez que a avistou e, lenta e pacientemente, caminhava na direção dele e também da única direção na estrada que podia seguir se não quisesse entrar na floresta profunda. *Por isso demorou tanto, parece que tem todo o tempo do mundo pra chegar seja lá onde for*, pensou em desdém.

— Está aí em cima faz um bom tempo. Deve estar com fome. —soou uma voz de mulher. Baixa, doce o bastante para parecer muito jovem.

B quase caiu da árvore. Não tinha presença mágica e mesmo assim foi descoberto, o que o deixou intrigado e mais desconfiado ainda.

— Não, obrigada, eu sinto que não vai ser muito bom se eu descer. —*Deve ser um disfarce*, pensava.

Ela, ou ele (já que o mago supunha ser um disfarce) já estava embaixo da árvore quando levantou o capuz e revelou uma beleza frágil, pálida e deveras jovem, porém, seus olhos diziam outra coisa.

— Sim. —ela disse ao reparar que ele encarava seus olhos, espantado— Eu tenho o mesmo olhar amaldiçoado que você.

Eram negros onde deveriam ser brancos e totalmente vermelhos onde seria sua íris. *Olhos de um demônio*, pensou B, *mas um demônio bonito, muito bonito*.

— Olha, moça, não me leve a mal, mas meus encontros com outros magos negros não deram muito certo, teve uma vez que até tentaram me vender, veja só que maldade!

— E alguns galhos de árvore vão protegê-lo?

— Pensando por esse lado... —disse, sentindo-se muito estúpido.

Ao descer e ficar apenas alguns metros longe da mulher, percebeu que ela podia muito bem ser uma criança apesar do rosto maduro, já que tinha quase o tamanho de uma. Pequena demais para ser ameaçadora, porém, era uma maga negra e isso contava muito mais que o próprio tamanho.

— Território Negro? —ela perguntou, sempre com a mesma calma e paciência quase frias enquanto retirava uma maçã da bolsa e deixava visível todos os frascos que tinha, alguns que B reconheceu como sendo poções raras que exigiam muito do mago.

Os moradores do Lado Sombrio nunca se referiam a ele com estas palavras, mas sim Território Negro.

Ele engoliu o seco cuspe da garganta e pensou numa coisa muito feia que fazia constantemente.

— Sim, tenho assuntos por lá. —ainda que soasse amigável, o pensamento não lhe saía da mente.

Ela aproximou-se e lhe estendeu uma maçã.

— Pode tentar. —o encarou nos olhos de forma que nenhuma emoção passou pelos dois, mas B sentiu, ao ver dentro daqueles olhos demoníacos como os seus, que ela não era nem um pouco como ele, era mais perigosa e, de alguma forma, mais *antiga*.

Movimentos ligeiros de suas mãos e dedos ergueram uma barreira entre os dois e o selo, o manto, que restringia a magia de B foi desfeito, liberando uma onda de calor advinda de sua magia das trevas, queimando folhas e galhos de árvore ao redor. Era uma magia feita para *destruir*, por isso amaldiçoada.

Não sentia magia vindo dela, então pensou que havia algum manto de proteção sobre seu corpo também, mas o único manto do qual se livrou foi o que estava sobre seus ombros e, por alguns instantes, B se perdeu nas curvas sinuosas que a roupa revelava. Ele tentou atacá-la e deixá-la inconsciente para que não se sentisse tão desonrado em fazer o que pretendia fazer, mas não surtiu nenhum efeito a sua magia, cujo ricochete numa esfera

azulada que protegia o corpo dela atingiu uma árvore e fez seus galhos murcharem de sono.

Sinta-se totalmente livre para interpretar esta frase.

— Moça, que fique bem claro que eu não quero conflito.

— Mas quer minhas poções e terá de lutar para ganhá-las. —ela ergueu uma mão e o calor de sua magia atingiu B no rosto antes de arremessá-lo numa pedra que, inconvenientemente, estava entre ele e uma aterrissagem segura e macia contra o riacho. Não houve pronúncia de palavras e ela usou o elemento ar, um dos quatro que regiam e davam força à magia, isso queria dizer que ela estava num nível parecido ou acima do seu. Magia sem comandos requeria um grande esforço e concentração.

Aproveitando-se do riacho atrás de si e toda a água disponível, B deu vida a esferas de água que circularam ao redor da maga e suas gotas criaram arco-íris e névoa, nublando a visão dela e escondendo-o, mas segundos se passaram até que sua imagem estava em todos os lugares que ela poderia olhar e, assim pensou B, teria uma imensa dificuldade para achar o verdadeiro enquanto ele escapava pela floresta.

Nem bem tinha dado dez passos quando grilhões quentes e pegajosos grudaram em suas canelas e ele se estatelou no chão.

— Eu posso sentir sua magia como um mapa a ser lido, deveria lembrar-se disso. —foram as palavras da maga diante do rosto dele rente a terra fofa.

— Não tem outro jeito. —ele murmurou— Me desculpe, moça, mas a sua magia vai ficar comigo.

B era como um recipiente, podia depositar a magia de magos e criaturas poderosas com quem teve contato dentro de si mesmo, mas não era um recipiente tão grande, felizmente ainda havia um bom espaço para a magia daquela maga problemática. Depois ele veria se ela tinha alguma descoberta ou algo que valia a pena.

Seis de suas cópias juntaram-se num hexagrama, queimando o chão e fazendo uma espécie de círculo onde os dois estavam no meio, as chamas lambeiram o chão deixando rastros, desenhando um símbolo de transferência igual ao que B tinha queimado nas costas por suas próprias mãos. As chamas envolveram a maga numa redoma de fogo que, ao dissipar-se, começou a tingir a forma arredondada da redoma com a cor da magia dela que B sugava rapidamente, mas algo estava estranho... Ela não estava gritando como todos os outros antes dela, então B sabia que tinha muita magia, isso o fez sorrir com o achado raro que lhe rendeu aquela pequena batalha.

Quanto mais percebia o tamanho da magia dela se aproximando do limite que ele conhecia, mais seu sorriso se alargava de forma ingênua. Não fazia por maldade, mas ele precisava de poder pra continuar com sua imortalidade de mago negro e obter, devorar, mais e mais conhecimento. Ela lhe renderia mais umas centenas de anos.

Mas então o limite foi ultrapassado e o sorriso dele foi se esvaindo enquanto percebia que iria quebrar-se como vidro se continuasse absorvendo tanta magia. Seu peito doía horrores, caiu novamente no chão, de joelhos, sentindo aquela mesma magia, densa, fria e mortal, vazando pelo seu próprio corpo. Sangue escorria-lhe pelas orelhas, nariz e boca, mas em seu desejo por conhecimento, continuou absorvendo e tendo em mente todo o tempo que teria com aquela quantidade de poder.

A maga em momento algum gritou, mas já se encontrava inconsciente no centro de sua redoma, o corpo frágil flutuando fantasmagoricamente no ar enquanto B sugava-lhe o poder. Este, por sua vez, percebeu que não conseguiria aguentar mais e procurou em sua bolsa o grimório que o acompanhava a todo momento, murmurando comandos atrás de comandos, direcionando a parte que “vazava” do seu corpo para o tomo velho e acabado.

— Finalmente... acabou? —largou-se no chão de terra, esgotado, respirando fundo e rapidamente enquanto seu coração acelerava de forma que, ele pensou, iria explodir, mas a certeza de que toda a magia dela estava dentro de si não se fazia presente.

O tempo foi passando enquanto ele descansava e as chamas do pequeno ritual foram desfeitas tal como a redoma que mantinha a maga, cujo corpo foi depositado delicadamente no chão. Ventos frios sopravam na pele de B quando levantou-se do chão e começou a fuçar na bolsa da maga a procura das poções e tudo de valor mágico que ela possuía, achando grimórios, líquidos desconhecidos, armas e uma infinidade mais de coisas conectadas à uma dimensão a parte que ele descobriria como acessar depois.

Já preparava-se para ir embora quando teve um pensamento.

E se ela leva alguma coisa no corpo também?

Deu alguns passos ajoelhando-se ao lado dela enquanto observava seu rosto pálido adormecido e começou a procurar nos lugares mais prováveis, como bolsos e compartimentos secretos na bota, mas não encontrou nada, então foi pros lugares improváveis, chegando até a apalpar seus seios fartos e se demorando um pouco, mesmo que não tenha encontrado nada escondido naquela maciez (confesso que teria procurado por bem mais tempo se fosse ele). Neste toque, o mago percebeu que o corpo dela estava frio, tão frio como se inconsciente, e teve pena de deixar uma mulher abandonada no meio de uma estrada.

Tomou-a nos braços e, com dificuldade por causa da imensa magia que estava dentro dele, corroendo as que já tinha sugado, sentou-se no ramo-de-fogo com ela nos braços, pondo a capa por sobre os dois e um pequeno feitiço prendendo os seus pulsos e pés caso ela quisesse fugir quando acordasse ou, quem sabe, matá-lo.

E assim ele adormeceu. Mas não por muito tempo já que, ao acordar, encontrou-a observando-o e a conversa que tiveram mudou para sempre a vida do mago, assim como mudaria pra sempre a vida de toda a Serith. Mas ela começou mais ou menos com esta frase da maga:

— Você me poupou um pouco de tempo, B.

Capítulo 7

Política

Era noite alta nos domínios élficos, mas as vilas nunca fechavam suas tavernas ou hospedarias, você sempre podia encontrar uma espelunca aberta aqui e ali com lamparinas pendendo de paredes descascadas e manchadas do sangue de algum bêbado que tentou sair sem pagar ou, às vezes, *alguns*. Elfos com certeza eram as criaturas mais bem vistas no reino e as segundas mais bem respeitadas, porém, ser um elfo não o tornava automaticamente respeitável.

Enquanto bêbados se embriagavam com vinho barato e se divertiam com prostitutas e outras criaturas, a maioria das Casas Antigas se reunia num suntuoso salão de visitas da Casa Eldar, uma das mais influentes e antigas do Reino Élfico. Todos acomodavam-se confortavelmente em cadeiras e poltronas macias, frutos do luxo demasiado que os Eldar podiam comprar com sua influência, mas a tensão não se deixava aparecer por questões diplomáticas.

— Senhores, eu creio que já esperamos demais para falar sobre o principal assunto da noite, deixemos as cortesias para quando avaliarmos o futuro de nosso território. —uma elfa alta, esguia e de olhos leitosos quebrou o silêncio.

— Sempre apressada, Bertrice, por que não toma mais um pouco de vinho?

— Obrigada, Elryn, mas eu prefiro conversar sobre meu futuro antes de ficar bêbada. —ela deixou seu corpo cair numa poltrona e bebericou uma taça de vinho amuada.

— É bem verdade que a situação financeira em nosso lar está crítica, nosso Rei é uma marionete, e agora tornou-se marionete de vampiros... —o elfo chamado Elryn deu início— Mas isso ainda não é o pior, parece que magos negros também querem pôr as mãos em nossas riquezas e corromper nossa magia!

Uma onda de burburinhos tomou a sala, cheios de indignação e terror.

“Todos aqui se lembram do que aconteceu naquela guerra de três mil anos atrás, nenhum de nós estava presente, mas as lembranças de nossos ancestrais estão em nossas mentes”, Elryn prosseguiu, “não podemos permitir que os magos das trevas consigam alguma influência sobre o Reino, principalmente sobre a nossa Erwen!”

— Todos sabemos —Bertrice continuou— quanto sangue foi derramado na última guerra e nas anteriores antes dela, mas agora as coisas são diferentes, armas estão sendo construídas e muito mais vidas podem ser perdidas, eu arrisco a dizer que é possível que o Reino se destrua de vez.

Esta era uma preocupação com muito fundamento, afinal, cada raça tinha uma maneira de destruir única.

— Nós temos como nos defender, Bertrice, o problema reside nos *magos negros*. —Elryn falou as palavras como se fossem veneno e se não colocasse logo pra fora morreria— Nosso Rei é fraco demais, pode sucumbir facilmente ao poder de um deles, principalmente Yz’ra.

— Acredito que todos estejamos tensos e paranoicos de mais —uma voz ecoou do fundo da sala-, afinal, nada até agora foi feito em nosso território e, ao que se sabe, as alianças de Yz’ra tinham um propósito pacífico.

— Besteira! —Elryn levantou a voz, indignado com a fala da jovem elfa— Que propósito teria uma criatura das trevas com a paz? O que precisamos fazer é tomar uma iniciativa antes que eles tomem.

Murmúrios de aprovação ecoaram pela sala, junto das mais variadas intenções, em sua maioria, maléficas

Uma tempestade não tardaria a chegar a Serith.

...

O som distante de gotas de água caindo na superfície de uma rocha chegava aos seus ouvidos suavemente, rompendo num ritmo melódico o silêncio da câmara de pedra.

— É um lugar bonito esse. —disse uma voz metálica e gutural.

— Sim, deveras. —respondeu a mulher.

— Mas não é pela beleza que vem vê-lo, estou certo?

O silêncio substituiu as palavras da mulher, que em momento algum interrompera sua caminhada, tendo a companhia de um ser alto e musculoso com escamas prateadas descendo por sobre o olho direito e violeta como o pôr do sol.

— Meu povo não gosta de sua presença aqui. —ele prosseguiu, acostumado com a ausência de respostas nos poucos diálogos que haviam tido, apesar de ambos existirem havia muito tempo.

— Imagino o motivo de contar-me isto agora, já que luas se passaram desde que aceitou meu pedido.

— Eles exigem que eu faça alguma coisa sobre seus receios.

— Como expulsar-me ou algo que fira minha imagem? —ela perguntou, raspando os dedos pequenos em uma rocha de coloração exótica.

— Pior.

— E o que fará?

— Nada. —o ar foi soprado numa nuvem de pequenas cinzas quando o ser surpirou e cruzou seus longos braços atrás das costas largas— Não há nada que, fisicamente, eu possa fazer, e não tenho nenhum motivo para fazê-lo.

O longo silêncio perdurou por incontáveis minutos e Livigor, o Rei Dragão, não se encontrava com vontade alguma de apressar aquela mulher em sua contemplação.

Deixemos os dois contemplando cada um o que lhe é mais bonito.

...

Teria acontecido mais uma vez ou ele só desmaiou por estar andando havia dias sem parar para descansar nem um instante? Não que precisasse, é claro, mas magia de mais chamaria atenção daqueles porcos imundos que eram qualquer um que não um mago negro. Tais pensamentos vinham de um ser tomado de egoísmo, vivendo apenas para si mesmo e nunca para o próprio bem, apenas para o próprio prazer. Seu nome?

Eric.

Não era um nome assustador, com certeza não, mas o dono sim. Bem, algumas vezes, não todo o tempo. Eric tinha surtos psicóticos de vez em quando e isso, aliado à sua magia destrutiva, tornava qualquer um alvo em potencial (e um alvo muito infeliz, diga-se de passagem).

Recentemente, muitas outras criaturas não o deixavam em paz por ele ser mais problemático que os da sua espécie. *Covardes submissos*, era o que dizia quando

confrontado sobre o porquê de não seguir vivendo pacificamente como seus companheiros de capuz negro. Eric tinha espírito e um instinto assassino suficientes para mantê-lo vivo por 300 anos no período de paz atual, mas suas arruaças não eram grandes o suficiente para causar um acidente diplomático e originar uma guerra (não que ele se importasse).

Por estes e outros motivos, ele viajava num ritmo cadenciado até o único lugar onde não poderiam importuná-lo pelo que era, até trocou suas roupas pois os humanos (que era o território para onde rumava) apesar de não notarem sua espécie, poderiam deduzir pelas roupas negras que usava.

Deve ser um lugarzinho medíocre com cheiro de submundo, ele havia pensado durante o caminho, mas, ao chegar em Alesya, o “país” dos humanos, havia o cheiro de grama verde e árvores vivas, cheias de fruto, além de suas ruas serem apinhadas de rostos sorridentes atrás de dezenas e dezenas de bancas de alimentos enquanto outros rostos sorridentes perambulavam de banca em banca, enchendo carroças grandes e pequenas, conversando uns com os outros enquanto contavam moedas estranhas que com certeza não valiam nada em outros territórios.

Eric se permitiu, graças à grande curiosidade em si, observar um pouco mais aqueles seres em suas vidinhas medíocres, tão diferentes do que tinha visto em outros lugares.

Kaerth, o reino Elfo, era alegre e deveras verde, dividido em dois geograficamente: uma zona à beira do Mar de Lish com desertos brancos e clima gélido pela manhã e tórrido à noite, capaz de fazer a pele borbulhar se não usar a proteção correta, a outra zona completamente coberta por florestas e vegetação mais que viva (elas mudam de lugar quando não gostam das condições ou são incomodadas por estranhos).

Agregora, o reino Dragão, com suas montanhas extremamente altas e cheias de minerais valiosíssimos era inacessível para aqueles que não controlavam *silph*, o ar ou *gnohr*, a terra. Seu povo era austero de mais para fazer algum visitante sentir-se bem vindo, além de orgulhosos para usarem a forma “menor”.

Vardan, o reino Vampiro, era comercial e caro demais para que muitos o visitassem, isso incluía Eric, já que ele não tinha muitas moedas vermelhas para dar aos vampiros e suas mercadorias que custavam mais que a vida do infame mago negro que vos apresento.

Caermod, o reino Lupino, era desinteressante a um nível celular. Sem muito comércio, dono da maior floresta e exército de todos os reinos e... *Chato pra caralho*, na opinião de Eric.

Por fim, havia a Redoma, mas lá era um lugar chique para magos chiques aceitos pela sociedade, eles não precisavam se esconder como cães sarnentos para roubar algo e comer, eram servidos pelas mais finas criaturas e tomavam os mais finos vinhos com os mindinhos levantados e uma cara satisfeita de quem possui tudo que quer. Eric odiava cada um deles, principalmente aquela que deveria ser sua inspiração, aquela que deveria melhorar as condições de cada mago negro vivendo na porra daquele reino: *Yz'ra*. Mas, ao invés disso, ela estava lá, entre eles, provavelmente tomando vinho com cada um e rindo, mas Eric não conseguia odiá-la, ela era antiga e poderosa de mais para que ele pudesse imaginá-la se entregando às futilidades dos outros magos.

Ela não pode ter-se esquecido do nosso propósito de vida, do porquê nos tornamos magos negros, todos nós!

Enquanto divagava sobre tais coisas, percebeu que mais adiante havia uma hospedaria. *Ótimo, nem precisei procurar muito.*

O sininho preso acima da porta balançou assim que ele pôs os pés dentro do lugar. Quase ao mesmo tempo, um jovem loira e sorridente veio saber o que ele desejava.

— Um quarto para passar a noite. —disse ríspidamente, sem ter consideração pela simpatia da moça.

— São sete moedas, senhor, a refeição é por nossa conta na primeira noite, estará pronta assim que o sol descer as montanhas.

Se fosse um humano, Eric teria achado aquele preço absurdo, mas considerando que a primeira refeição era grátis, até ele ficou satisfeito. Subiu os degraus da velha escada de madeira rumo a seu quarto sem olhar para trás ou dirigir alguma palavra a alguém. Estava cansado e precisava dormir.

A visão do quarto de lençóis brancos e imaculados lhe agradou imensamente, ainda mais quando viu que havia uma banheira com água morna em outro cômodo menor dentro do quarto. Panos limpos adornavam uma mesa rústica de madeira ao lado da banheira para que ele pudesse secar-se e alguns poucos produtos, como sabão e algo que fazia muitas bolhas cujo nome Eric não sabia, estavam ao lado dos panos e davam ao ambiente e ao corpo musculoso do mago um cheiro irresistível. Dado o prazer do banho, ele acabou ficando tempo suficiente para vestir-se e estar pronto para o jantar.

Ao descer, embora seu cheiro estivesse tão agradável, ele notou que algo arranhava seu olfato, incomodando como uma farpa na sola do pé. Tossiu e esfregou o nariz, mas o cheiro não tinha ido embora mesmo quando o aroma delicioso de um ensopado de cervo chegou aos seus sentidos. Acomodado na última mesa do canto, quase oculto pelas sombras da lamparina, o mago comeu feito um condenado, matando a fome de dias e a sede de noites com uma enorme caneca de cerveja amarga.

Tendo matado sua fome e sede, o mago sentiu-se sonolento.

Isso que dá comer muito rápido, pensou enquanto bocejava e subia os degraus velhos até seu quarto para uma noite merecida de descanso numa cama macia.

Estava tão cansado que nem sentiu quando o tiraram da cama e arrastaram rumo a um alçapão no chão do quarto e a escuridão subterrânea cobriu seu corpo.

...

Estava escuro, tão escuro que nem magias básicas para iluminar o local estavam funcionando, mas como seria possível? Nenhum poder mágico foi sentido por ele durante todo o tempo e, mesmo assim, suas magias não funcionavam!

— Tem alguém aí? —perguntou, estupidamente.

— Então você já acordou, isso é bom. Nos polpa o trabalho de batê-lo até abrir os olhos.

Era uma voz masculina e áspera, porém gentil, um estranho contraste com a frase dita, não?

— Você é meu sequestrador ou o quê? Porque não está sendo muito hospitaleiro.

— Eu sou seu anfitrião e quero apresentar-lhe uma proposta que não irá recusar justamente porque sua vida depende disso.

Capítulo 8

Acordos, alianças e adivinhações

Na grande maioria das vezes, um evento de grandes magnitudes que ocorre em nossas vidas pode nem ser coincidência ou destino, muitas vezes já tomamos decisões que culminaram naquilo antes mesmo de termos noção. Não acredito em destino, assim como aquele rapaz caminhando displicentemente numa estrada de terra batida à luz do luar. É claro que ele não está esperando que um acontecimento grandioso que vá mudar sua vida esteja na próxima árvore que virar, sentado sobre pedras cinzentas e lisas, mas (que curioso, não?) era exatamente ali que ele estava.

Ou *ela*.

Cabelos negros tão familiares e ao mesmo tempo tão desconhecidos para ele, mas que o deixavam tão a vontade e despertavam, contraditoriamente, um sentimento de desafio, de querer superar aquele poder que sentia emanando dela ou de conhecê-lo melhor.

Ela parecia distante, observando algo ao redor que ele não conseguia ver, ou talvez nada em particular, costumava-se perder em observações quando sozinha.

...

Quem não gostaria de prever o próprio futuro? Evitar um acidente fatal ou alguma magia que não deu muito certo? Certamente não todos nós, porque alguns vivem melhor com os “se” e os “talvez” que a vida lhes dá, gostam de fazer o próprio destino justamente, ironicamente, por não acreditarem nele.

Mas ali estava um dos que adorariam saber o que os esperava, curiosos e ávidos para mudar, caso fosse algo não muito agradável. Empertigava-se sobre a cadeira dura de madeira e olhava em volta da loja bem arrumada, mas mais pobre do que ele fora um dia. Suspirou, chutou um montinho de pó embaixo de seus pés, suspirou novamente e só aí a dona apareceu.

Era uma mulher muito, muito atraente e isso, de alguma forma, fazia com que ele acreditasse mais ainda em seus poderes, afinal, adivinhar o futuro era um dom que aqueles que possuíam o repudiava e os que desejavam possuir almejavam sem ter consciência da maldição que portariam.

— Eu fiz você esperar muito? —ela disse em um tom suave e sutilmente sedutor.

— De maneira alguma, eu esperaria todo o tempo que fosse necessário pela senhora.

A mulher sorriu, geralmente seus clientes eram exigentes e desconfiados, mas aquele era prestativo e acreditava fielmente nela, isso a fez sorrir.

— Faça sua pergunta, rapaz.

Ele espremeu seu cérebro agitado por alguns instantes até escolher aquela pergunta que achava ser a de maior importância pois não poderia fazer nenhuma mais.

— O que preciso fazer para... -parou, daquela forma não era um bom começo- Digo, quando eu vou... -não, não era o que queria dizer de verdade- Enfim, quando acontecerá algo grande na minha vida? Algo que vai mudar ela de um jeito que nunca sonhei?

A vidente observou sua mesa de carvalho e prestou atenção aos sons e cheiros ao seu redor, era espontâneo e não era ela que comandava, apenas se deixava levar e esperava até que a conhecida sensação a alcançasse. Começava com uma brisa em seu rosto e o gosto da magia em sua boca ia aumentando até o momento que abriria os olhos anormalmente azuis e cuspiria a resposta para o cliente, sem pausa, sem fôlego.

— Em seu caminho há muitos mantos negros e manchas de sangue... -ela começou- Um dos mantos é a fonte de onde jorra uma quantidade enorme de sangue e raízes crescem aos seus pés se espalhando até você como tentáculos... Há outras formas que se enroscam em seus tentáculos, mas só algumas afundam no mar de sangue... Eu vejo seus olhos, os olhos da figura que está no centro, a fonte do sangue que o afoga, seus olhos são demoníacos, é uma criatura das trevas e está arrastando outros para as próprias trevas. Ela abre as asas, o fazendo acolhê-la e o engole... Seu caminho é o leste, siga sempre para o leste... Sua morte o espera lá e ao lado dela está a maior realização de sua vida.

Kasaino, este era o nome dele, ouviu tudo em perfeito silêncio e nada disse depois de minutos, apenas assimilou lentamente as palavras da vidente e levantou-se, depositando as moedas que lhe devia em cima da mesa antes de sair.

Quanto à vidente, obviamente sabia o que suas próprias palavras queriam dizer, não que sempre soubesse, mas “mantos negros” e “siga sempre para o leste” queriam dizer apenas uma coisa: o território negro. Era lá que a morte esperava aquele jovem lobo e também a maior realização de sua vida.

Ela sabia que ele não hesitaria em ir até lá, afinal...

Todos sempre buscam glória e, na maioria das vezes, morrem sem encontrar. Talvez aquele jovem encontrasse a glória primeiro.

Ou talvez morresse tentando.

...

Foi um trabalho árduo para Kasaino conseguir todos os mantimentos necessários para sua viagem que duraria duas luas. Os alimentos foram fáceis, ele era um lobo e seu território tinha mais comida que qualquer outra coisa, o difícil foram as armas e o grimório velho e empoeirado com algumas magias simples que ele precisaria para atravessar territórios com climas muito distantes do qual ele estava acostumado (que eram todos).

Não havia família da qual se despedir ou amigos pros quais dizer “até mais, estou indo buscar fortuna e glória, mas morrer também”, apenas uma ex-namorada que não gostaria de ver o focinho dele nunca mais na vida, mas nada disso o desanimou, pelo contrário, sentia-se mais revigorado ainda por não ter raízes onde se enroscar e poder cair.

A rota era simples: passaria pelo território mago, élfico e tomaria um navio até o território negro, lá estaria muito mais fácil de encontrar o que procurava.

Gostariam de acompanhá-lo em sua épica viagem? Pois bem.

Capítulo 9

A viagem de Kasaino

O território mago e suas florestas encantadas já estavam enjoando os olhos de Kasaino desde a primeira hora que pôs seus pés por lá.

Era tudo tão colorido, tão rebuscado... Tão fresco que doía em sua visão de lobo. A magia estava em todo o lugar, parecia que aquele povo não conseguia cagar sem usar magia! Os cheiros queimavam seu olfato e as texturas ardiam em suas mãos, eram fortes demais as mágicas presentes em tudo.

Faltava pouco para atravessá-lo, mas ele resolveu correr por algum pasto que encontrasse por ali, se não estivesse impregnado de magia também...

Enquanto corria, foi tomando sua forma de lobo e o vento passou a zunir por suas orelhas enquanto levantava saias e poeira e a grama verde de um pasto despontava como uma maravilha num deserto de sua visão cansada de frivolidades.

Sorte ou coincidência, a grama era natural e crescia verdinha, se balançando ao sabor do vento, dobrando-se macia sobre o corpo do lobo. Já com mãos ao invés de patas, sacou algumas frutas da mochila de couro e observou o horizonte enquanto comia.

Paz, precisava disto... Pensava em cada uma das mordidas na fruta.

Estava tão relaxado que acabou tirando um cochilo.

...

— Lobo vagabundo, acorde! – gritava uma voz de mulher, esganiçada e furiosa.

Kasaino acordou desorientado e sem saber muito bem onde estava, mas não lhe deram tempo de assimilar nada, foram-lhe tacando pedras com tanta fúria que algumas voaram metros distante dele.

— Saia já do nosso quintal! – a mulher gritou novamente.

— Calma aí, moça, eu não sabia que estava invadindo nada!

Mas não ouviram nem metade do que ele tinha pra dizer, então o pobre lobo só pôde correr dali, embora isto não tenha se mostrado uma boa ideia.

Mal tinha se afastado alguns metros, sentiu cheiro de queimado e seu corpo bateu com força numa árvore. Estatelado no chão e percebendo que uma queimadura enorme sangrava em suas costas, o desespero e a raiva lhe atacaram.

Eu não estou atacando ninguém e mesmo assim me ferem!

Garras afiadas garantiam que pudesse se proteger e dentes assustadores projetavam-se para fora da boca à vista de qualquer um que o quisesse ameaçar.

— Mostrando suas presas para um mago, lobinho?

Kasaino não recolheu a aparência ameaçadora, continuou mostrando que poderia fatiá-lo quando quisesse.

— Não estou perturbando ninguém e mesmo assim me atacam como se eu fosse um bandido! —sua voz saiu rosnada em fúria.

— Você estava prejudicando a propriedade de alguns magos e aproveitando-se da colheita deles. —o homen apontou a mochila de Kasaino cheia de frutos e carne.

— Isto é meu! Trouxe do meu território e de forma honesta!

Mas o mago não lhe quis dar ouvidos e foi a última frase que Kasaino disse antes de perder os sentidos.

...

— Sinto em trazer algo tão deplorável para magos tão respeitados, no entanto, nosso suor não pode ser jogado fora desta forma. —soou aquela voz esganiçada de mulher novamente.

Que dor...

— Muito bem, o que se passa? —agora uma voz grossa de homem idoso.

— Fomos roubados, senhor, por este lobo vagabundo que se aproveitava de nossas plantações e fartava sua pança com nossas ovelhas.

O quê?!

A indignação tirou Kasaino do torpor da inconsciência e o ergueu para poder dar de cara com um grande local que lhe era desconhecido e pessoas mais desconhecidas ainda.

Parece que é minha sina acordar em locais estranhos...

— O que está havendo? —perguntou, mas ninguém lhe deu atenção.

— Repito mais uma vez, senhor: este não passa de um ladrãozinho barato.

Ele estava tão confuso com o que se passava ali que apenas se deixou cair sentado e observar para ver se conseguia entender. Depois de um tempo, a mulher apontou para ele e cuspiu, dizendo que fora roubada, aí então ele entendeu completamente, mas nem se deu ao trabalho de revidar, estava cansado e suas costas doíam.

Só então ele se lembrou da ferida e tentou dar uma olhada, mas não conseguia ver por ser bem no centro das costas.

Observando as pessoas ao seu redor, viu uma garotinha caminhando alguns metros distante dele.

— Garotinha! Será que pode me ajudar aqui?

O fato de a garota ter cabelos muito vermelhos lhe chamou atenção mais do que suas vestes de maga que só poderiam ser compradas por alguém que tem muito dinheiro, mas supôs que a figura encapuzada atrás dela fizesse parte de sua vida rica, um guarda-costas, talvez.

— Como ousa! —a mulher de voz esganiçada o esbofeteou— Como ousa falar assim com Lady Yz'ra?!

Esse nome não me é desconhecido... Pensava ele enquanto o sangue quente descia por sua língua, mas ele não desistiu.

— Garotinha! — tornou a chamar, sentindo-se humilhado, recebendo mais uma bofetada da maga irritante.

— Deixe-o. — a garota disse, havia uma autoridade anormal em sua voz doce— Está ferido?

— Sim. — respondeu, sem jeito diante de um olhar que era muito mais velho do que o corpo que o continha aparentava.

— Um homem que roubou algo não pede ajuda a uma criança, muito menos merece a ferida que tem em suas costas. — virando-se para o homem mais alto dos três à frente de Kasaino, prosseguiu— Sugiro que seja feito o mesmo com o agressor deste homem para que aprenda o valor da honra e que as tão suadas posses da senhora sejam guardadas por magos da Redoma já que ela mesma encontra dificuldades em guardá-las por si só.

Sem saber direito o que aconteceu (o que parecia acontecer sempre), Kasaino acompanhou a garotinha e gostou de deixar todas as pessoas boquiabertas para trás, fazia com que se sentisse importante.

— Qual o seu nome? — a ruivinha perguntou.

— Kasaino.

— O que ocorreu de fato, Kasaino?

Ele se sentiu estúpido de responder porque, de alguma forma, tinha consciência que ela sabia a resposta.

— Eu não estava fazendo nada além de descansar e nem sabia que ali tinha dono, quando começaram a me tacar pedras e fui atacado por um mago. — ele se sentia mais estúpido ainda depois de dizer em voz alta- Só estou viajando em paz...

A ruiva não parecia muito interessada na história, mas não de um jeito maldoso, apenas desinteressada, simples e puramente desinteressada.

— Pra onde está viajando, Kasaino?

— Território Negro.

— Que coincidência, é pra lá que estou indo também.

E, assim, a viagem de Kasaino pôde ser concluída, mas o final desta história veremos mais a frente porque, caro leitor...

Há peças que só podem ser montadas quando o quebra-cabeças já foi resolvido.

Capítulo 10

Humanos

Era uma visão até cômica aquela se não fosse lamentável.

— Você tem certeza de que consegue fazer isso sozinho?

Em todos as três luas que Sila esteve fora, Eleen aproveitou para cuidar de Luccos enquanto o lobo se recuperava. Obviamente, ela tinha milhões de perguntas e ainda estava assustada, mas era Luccos, seu amigo de infância... Ela não iria deixá-lo na mão quando ele estava tão mal, principalmente quando haviam feito tal atrocidade que era transformá-lo em lobisomen.

A princípio, ela pensou que Sila pudesse ter feito aquilo, mas ele, Luccos, não conhecia o lugar do “laboratório”, não sabia nada sobre Sila e estava mal de mais para poder dar explicações.

Digo, estava mal de mais há três luas, naquele instante, ele conseguia até se vestir completamente sozinho, mesmo que Eleen perguntasse se queria ajuda.

— Não, obrigado, eu consigo passar um braço por uma manga. —respondeu carrancudo.

— Certo, mas, qualquer coisa, é só me dizer. —ela tentou sorrir, mas o clima se mostrava propício para as perguntas que evitou fazer por muito tempo e isso a deixava maluca, precisava logo de respostas, então foi buscá-las:— Luccos... Quem fez isso com você?

Ele evitava pensar nisso porque sempre acarretava uma série dolorosa de lembranças regadas a sangue e lágrimas, sempre lhe dava vontade de morrer.

— Eu não sei... Foi há dois anos, eu estava viajando com Luce e tínhamos escolhido uma hospedaria para passar algumas noites já que estava frio demais e estávamos entrando em outro território. Quando o frio amainou, nós seguimos viagem e foi naquela noite que me capturaram...

Se ela tivesse se dado por satisfeita até aquele ponto, talvez tudo teria sido diferente, mas ela não se deu.

— Quando acordei, estava numa masmorra de algum castelo na Grande Floresta. —continuou— Vários humanos estavam comigo e todos pior que eu, depois fiquei sabendo que o único motivo pra isso era que eles esperavam até a lua estar redonda no céu para pegar alguns, na próxima eu iria. —ele a encarou nos olhos e ela teria preferido que não porque a dor naqueles olhos azuis era tão palpável que seu peito apertou— Estávamos lá para um experimento, eles queriam nos transformar no que eles são porque somos os únicos deste maldito Reino que conseguem tal coisa... Fui mordido durante luas por lupinos adultos, eles não cuidavam dos meus ferimentos, se tivesse que morrer, morreria. Era só uma cobaia. Só me libertaram depois de um ano, quando as mordidas mudaram meu corpo e me transformaram num deles... Eu matei todos que amava, não conseguia

controlar a besta dentro de mim... E ainda não consigo, por isso tenho que ficar o mais longe possível de qualquer um a maior parte do tempo.

Foi sua última frase. Ele não aguentava mais ter de reviver aquele pesadelo mais uma vez e sentir, novamente, o sangue do amor de sua vida na própria boca.

E Eleen compreendeu isso, ficando em silêncio pelo resto dos minutos que se passaram.

...

— Quanto tempo mais vão me deixar apodrecer aqui?

Os brados furiosos de Eric se resumiam a isso, agora não mais que gritos esganiçados e com gosto de sangue, já que água era uma regalia que não lhe deixavam ter.

Cuspiu um resquício de saliva e fechou um dos olhos com a claridade da porta da sela sendo aberta.

— É melhor tu calar a boca, desgraçado, já tô cheio dos teus gritos. —o guarda parecia furioso— Cala a boca ou fica sem os dentes.

O mago sequer reagiu, achando estúpida de mais a situação. Um humano lhe ameaçando?

— Cadê o patrãozinho? Não quero falar com os cães de guarda. —riu.

— Olha só, ele não tá se achando de mais pra um covarde que usa magia? —disse o guarda para o outro, rindo com escárnio— Aqui tu não é o fodão, é só um miserável que vai morrer em pouco tempo.

Eu poderia matá-los a qualquer momento, vermes imbecis. Eric fervia de raiva por dentro, bufando, forçando as correntes com a pouca força que ainda tinha restado em seu corpo de mago debilitado, porém, um mago, mesmo sem forças, ainda pode lançar magias, fracas, mas eficazes em situações como aquela, por isso ele se concentrou e fechou os olhos, as palavras saíram sussurradas e em pouco tempo esperava ver dois corpos humanos chamuscados na sua frente.

Mas não viu.

— Já percebeu? —o guarda mais calado falou, tinha uma voz grave e era muito maior que o outro- Você não pode usar magia aqui, na verdade, não poderá usar nunca mais. Pode-se dizer que agora você é como nós.

A única coisa que Eric pensou antes de perceber que o humano tinha razão e urrar em desespero como um animal encurralado foi *“Como isso é possível?”*.